

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de História**

Mariana Soares Zuchetti

**“Jovita é a mais nobre, senão mais heróica”: O Parthenon Literário e a Recepção da
Antiguidade Clássica na formulação do ideal de mulher heroica**

**Porto Alegre
2019**

Mariana Soares Zuchetti

“Jovita é a mais nobre, senão mais heróica”: O Parthenon Literário e a Recepção da Antiguidade Clássica na formulação do ideal da mulher heroica

Trabalho de Conclusão de Curso
como requisito para obtenção do
grau de Licenciatura em História
pela Universidade Federal do
Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Anderson
Zalewski Vargas

**Porto Alegre
2019**

CIP - Catalogação na Publicação

Zuchetti, Mariana Soares

"Jovita é a mais nobre, senão mais heróica": O Parthenon Literário e a Recepção da Antiguidade Clássica na formulação do ideal da mulher heroica / Mariana Soares Zuchetti. -- 2020.
68 f.

Orientador: Anderson Zalewski Vargas.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura em História, Porto Alegre, BR-RS, 2020.

1. Recepção da Antiguidade. 2. Parthenon Literário. 3. Guerra do Paraguai. 4. Jovita Alves Feitosa. 5. Heroicidade feminina. I. Vargas, Anderson Zalewski, orient. II. Título.

Mariana Soares Zuchetti

“Jovita é a mais nobre, senão mais heróica”: O Parthenon Literário e a Recepção da Antiguidade Clássica na formulação do ideal da mulher heroica

Trabalho de Conclusão de Curso
como requisito para obtenção do
grau de Licenciatura em História
pela Universidade Federal do
Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Anderson
Zalewski Vargas

Banca Examinadora

Prof. Dr. Anderson Zalewski Vargas - UFRGS
Orientador

Me. Rafael Vicente Kunst - UFRGS
Examinador

Profª Drª Katia Maria Paim Pozzer - UFRGS
Examinadora

Agradecimentos

Agradeço primeiramente ao meu orientador, o professor Anderson, por ter me auxiliado nesta última etapa da graduação, sempre disponível para esclarecer questões e indicando o caminho certo a seguir em meio ao labirinto de referências que encontrei em minha pesquisa.

Agradeço a minha família, meus pais, meu irmão, minha avó e minha tia, que sempre apoiaram e incentivaram minhas decisões, aturando minhas surtadas na vida acadêmica e fazendo todo o possível para me ajudar, nem que para isso precisassem se aventurar no mundo dos autores clássicos e da imprensa do século XIX junto comigo .

Não poderia deixar de mencionar também os amigos que fiz nos últimos quatro anos. Quero agradecer a Alice, Marcus e Maria Clara pela companhia ao longo de todo esse percurso. Foram muitos cafés e trabalhos feitos em parceria. Dividimos reclamações e problemas da academia e da vida. Esses últimos anos não teriam sido tão divertidos e alegres sem vocês.

Agradeço também a Rosângela, Ana e Guilherme. Certamente vou lembrar a parceria dos trabalhos e momentos icônicos de apresentações que tive com vocês.

Por fim não poderia esquecer de agradecer a Kamila, ao João, ao Matheus Henrique, que aturaram meus devaneios históricos e surtadas com o TCC , e ao Vinícius que também me ajudou com a tradução de textos em inglês. Agradeço muitos vocês por isso.

Quais podem ser o lugar e a pertinência dos estudos antigos em uma sociedade em que, globalmente, a cultura clássica acaba de desaparecer?

François Hartog

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar a Recepção da Antiguidade na formulação da heroicidade feminina, tendo como objeto de análise dois textos publicados pelo Parthenon Literário em 1869 . Para isso analisaremos como personagens da Antiguidade Clássica citadas por Heródoto, Plutarco e Tito Lívio, como Artemisa, as Sabinas, Clélia, Vetúria e Lucrecia são resignificadas no Parthenon e instrumentalizadas para conferir heroicidade a Jovita Alves Feitosa, voluntária da Guerra do Paraguai. Analisaremos a heroicidade em três esferas definidas pelo autor do texto, tendo como elemento em comum o patriotismo: o heroísmo da mulher que pega em armas, o heroísmo das que não derramam sangue e o heroísmo pelo martírio.

Palavras-chave: Recepção da Antiguidade, Parthenon Literário, Jovita, imprensa, heroísmo feminino.

Abstract

The objective of this paper is to analyse the Reception of Antiquity in the formulation of feminine heroism, taking as sources two texts published by the Parthenon Literário in 1869. To accomplish this we will analyse how characters of Classical Antiquity mentioned by Herodotus, Plutarch and Titus Livius such as Artemisia, the Sabines, Clelia, Veturia and Lucretia are reimagined in the Parthenon and instrumentalized to confer heroism unto Jovita Alves Feitosa, volunteer in the War of the Triple Alliance. We will analyse the heroism in three spheres defined by the text's author, sharing patriotism as the common element: the heroism of women who take up in arms, the heroism of those who do not shed blood and the heroism by martyrdom.

Keywords: Classical Receptions, Parthenon Literário, Jovita, Press, Feminine Heroism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1.0 PARTHENON LITERÁRIO E OS USOS DA ANTIGUIDADE CLÁSSICA NA IMPRENSA	14
1.1 A Sociedade Parthenon Literário e a imprensa literária no Rio Grande do Sul no século XIX.....	14
1.2 Os “homens de letras” e os usos da Antiguidade Clássica.....	19
1.3 A Recepção da Antiguidade e a Tradição Clássica Brasileira.....	21
2.HEROÍNAS ANTIGAS E MODERNAS: HEROICIDADE FEMININA E RECEPÇÃO DA ANTIGUIDADE	31
2.1 Jovita e o patriotismo feminino na Guerra do Paraguai.....	31
2.2 “Mais uma vez como em Salamina os homens como mulheres e as mulheres como os homens”: heroísmo de Artemisa e heroicidade feminina.....	34
2.3 Sabinas, Clélia e Vetúria: o heroísmo que não derrama sangue.....	40
2.3 Lucrecia: heroísmo e martírio.....	46
CONCLUSÃO	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	52
ANEXOS	59

INTRODUÇÃO

No ano de 1869, o primeiro ano que a Revista da Sociedade Parthenon Literário passa a circular, em duas edições publicaram-se dois textos sobre a questão feminina: o primeiro intitulado *These histórica: Jovita é, ou não uma heroína*, publicado em junho, e o segundo *Parecer sobre a these seguinte: A influencia da mulher sobre a civilização, desde os primeiros seculos até os nossos dias, tem sido benéfica ou perniciosa?* em julho. No primeiro texto o autor busca argumentar o heroísmo de Jovita, uma mulher que foi voluntária na Guerra do Paraguai, no outro discute se a mulher teria contribuído para o progresso da humanidade. O que há em comum em ambos os textos é a presença de mulheres da Antiguidade Clássica como exemplo. Enquanto a influência positiva da mulher poderia ser observada pela ação da mãe dos Gracos, Cornélia, e pelas súplicas de Vetúria a Coriolano, responsáveis por salvar Roma da destruição, Jovita é uma heroína no ponto de vista do autor assim como foram anteriormente Artemisa, Vetúria, Clélia, Lucrecia ou as Sabinas, sendo Jovita “a mais nobre, senão mais heroica” (LUZ, 1869, p. 11) que todas as outras. Mas afinal porque exemplos de mulheres romanas estão em um estudo histórico de uma revista literária que circulou na segunda metade do século XIX, cuja sociedade hoje dá nome a um dos bairros de Porto Alegre? É interessante pensar, aliás, porque Porto Alegre tem um bairro em referência a famoso Parthenon de Atenas, afinal a cidade de Atenas e Porto Alegre ficam a uma considerável distância uma da outra.

Em pleno século XXI, muitos não seriam capazes de identificar as referências presentes nessas páginas, salvo estudiosos de Antiguidade e alguns estudantes de graduação em história que se interessem em História Antiga. Se pensarmos em termos de tempo histórico, não há muita diferença de tempo entre nós e os que escreveram tais textos, pouco mais de um século. Apesar do estranhamento que ler um texto desses nos dias de hoje possa nos causar, referências à Antiguidade Clássica foram comuns na imprensa do século XIX, na literatura ou na formação e cultura das elites letradas brasileiras como demonstram estudos de Vargas (2007 e 2018), Abreu (2014), Kunst (2012), Funari (2008), Rodrigues (2017) e Gralha (2017), seja pela presença de personagens em fontes impressas ou na arquitetura, além da retórica como analisa Carvalho (2000).

A Antiguidade Clássica foi presença constante na imprensa, onde a autoridade dos clássicos era utilizada para resolver disputas políticas (ABREU, 2014, p. 7), que se

desenvolveu principalmente no início do século XIX, após a vinda da Corte que possibilitou a existência de tipografias legalmente. Aos poucos, nas demais províncias, desenvolveu-se uma imprensa própria. Na província de São Pedro do Rio Grande do Sul, atual Rio Grande do Sul, o primeiro periódico surge em 1827, intitulado *Diário de Porto Alegre*. Próximo à guerra farroupilha, diversos periódicos manifestam-se de caráter partidário e efêmeros, apresentando referências à Antiguidade Clássica, seja na estrutura discursiva, com o uso da retórica, citações de personalidades da antiguidade ou com citações de frases em latim, muitas vezes atribuídas de forma errônea a autores clássicos (ABREU, 2014 p. 11) A imprensa literária, entretanto, demorou a estabelecer-se na província. Enquanto Abreu coloca a existência de 90 periódicos circulando na província entre 1827 e 1850, a imprensa literária só se desenvolveu na segunda metade do século XIX, principalmente em centros urbanos como Rio Grande, Porto Alegre e Pelotas (STRELOW, 2011 p. 2) tendo sido o primeiro deles o jornal *O Guaíba* (1856-1858).

Dentre as tentativas de revistas literárias, a mais notável foi a *Revista do Parthenon Literário* que circulou em 1869 e entre 1872 e 1879, produzida pela sociedade de mesmo nome. Assim como os jornais de cunho partidário e opinativo, os membros da sociedade que escreviam na revista utilizavam de referências à Antiguidade Clássica, não só como elemento de estética literária, também presente, mas também nas sessões do periódico opinativas, de estudos filosóficos ou literários. Além disso, a Antiguidade Clássica é um dos elementos da identidade do grupo de literatos, seja na menção em seu nome ao Parthenon de Atenas seja pelo episódio, no qual foi publicado um edital onde se procurava um arquiteto capaz de construir um prédio cuja fachada se parecesse o máximo possível com o já mencionado Parthenon de Atenas para ser a sede da organização. O atual bairro Parthenon leva esse nome em homenagem a sociedade já que aparentemente havia a fazenda de um dos membros na região.

Escolhi como tema de análise para este trabalho, a recepção da Antiguidade Clássica no Parthenon na construção da heroicidade feminina. As fontes de análise são dois textos publicados no primeiro ano da sociedade, *These Historica Jovita é, ou não uma heroína?* de Francisco Antunes Ferreira, e *Parecer sobre a these seguinte: A influencia da mulher sobre a civilização, desde os primeiros seculos até os nossos dias, tem sido benefica ou perniciosa?* de Nicolau Vicente, onde a heroicidade feminina e os papéis atribuído a mulher transparecem. Junto às mulheres da Antiguidade citadas como Artemisa, Clélia, Vetúria, Cornélia e as Sabinas, um nome contemporâneo aos membros do Parthenon é colocado como mais nobre e

heroico que todos os outros, o de Jovita Alves Feitosa, uma jovem cearense que se vestiu de homem para juntar-se aos voluntários na Guerra do Paraguai. O recente livro de José Murilo de Carvalho, publicado em maio deste ano, busca, através da análise de diversas fontes, trazer a biografia dessa personagem, que gerou grande fascinação em sua época, a ponto de ser mencionada na longínqua Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, e posta ao lado de grandes mulheres da Antiguidade. Além da voluntária da pátria (que com sua morte passou a ser chamada Voluntária da Morte) Jovita também foi interpretada como parte na luta por direitos das mulheres, entrando em 2018 para o Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves. Possivelmente os membros do Parthenon, buscavam também inseri-la no Panteão de heroínas de seu tempo, junto a outras mulheres eminentes de sua época.

Considerando as discussões feitas, o trabalho está dividido em duas partes. No primeiro capítulo busco situar o leitor no contexto em que o Parthenon estava inserido, destacando o desenvolvimento da imprensa após a vinda da Corte, o surgimento de uma imprensa literária na província de São Pedro na segunda metade do século XIX e a importância do Parthenon no período como uma das grandes iniciativas que almejava o desenvolvimento da literatura na região e que teve sucesso em seus planos. Além disso, analiso a importância da cultura clássica pelas elites do XIX tanto na educação, voltada aos clássicos e a retórica, quando na criação de uma história nacional e na europeização do império nascente, além de discutir sobre o referencial teórico adotado. Na segunda parte, busco analisar como a recepção da antiguidade constrói o heroísmo feminino na figura de Jovita através de três concepções: o heroísmo pelas armas (Artemisa), o heroísmo daqueles que não derramaram sangue (Veturia, Clélia, Sabinas falei também de Cornélia a mãe dos Gracos presente em outro texto) e que em alguns momentos aproxima-se do ideal de mulher pregado pelos jornais da época, e por fim o heroísmo pelo martírio (Lucrecia), onde a prostituição e o suicídio de Jovita tornam-se características de martírio e heroicidade, mesmo sendo a prostituição e o suicídio extremamente mal vistos pela moral e religiosidade da época.

Para analisar os usos e leituras feitos da Antiguidade através dessas mulheres utilizo como referencial teórico a História da Recepção da Antiguidade, que teve como um de suas inspirações a Estética da Recepção. A Estética da Recepção é uma vertente teórica da História da Literatura, que tem como um de seus grandes nomes Hans Robert Jauss. Segundo essa vertente, não existe uma essência interpretativa de um texto, cada autor ressignifica a obra de acordo com o contexto em que se encontra (chamado de Horizonte de Expectativa), atualizando seu significado. Na História da Recepção da Antiguidade, igualmente se desloca o

foco de análise para o leitor, buscando analisar como os textos antigos foram relidos e significados posteriormente. Os Estudos de Recepção da Antiguidade vem se desenvolvendo no país, entretanto ainda são poucos como demonstrada o levantamento feito por Maria de Fátima Sousa e Silva e Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa (2017, p.7):

Em rápida pesquisa, se recorremos à página do Scientific Electronic Library Online (SciELO) Ciências Humanas, entre 52 títulos correntes, não há sequer um periódico dedicado ao tema da recepção clássica na área de Linguística, Letras e Artes. No Portal de Periódicos Capes/MEC, uma busca pelo tópico “recepção clássica”, com aspas e em português, retorna quatro títulos relacionados, dos quais apenas um é específico e está no nosso escopo. Ao redirecionar a pesquisa com a expressão em inglês, “classical reception”, o resultado passa de quatro para 425. Reduzindo o universo, focalizando apenas periódicos revisados por seus pares, temos um total de 262 títulos publicados (desses, três títulos devem ser desprezados em razão de não serem aplicáveis à nossa grande área) em periódicos diversos.

Ainda segundo as autoras:

Contudo, percebe-se, com base na busca nesses dois grandes bancos de dados, que a maioria esmagadora de textos sobre o tema é encontrada de forma bastante pulverizada em periódicos não especializados e de variadas áreas de pesquisa; percebe-se também que essa área de estudos está consolidada fora da América Latina e que do lado de cá do Atlântico a área ainda é incipiente. Acrescente-se que, no Portal de Periódicos Capes/MEC como no Scielo, não há qualquer periódico especializado na América Latina sobre os estudos da presença da literatura antecedente na produção póstera local. Embora relevantes para a construção de uma rede de fontes e cruzamentos que os Estudos de Recepção inevitavelmente pressupõem, estas publicações mantêm o mesmo carácter pulverizado e disperso de que a hermenêutica da recepção brasileira tem padecido. (SILVA e BARBOSA, 2017, p. 7-8)

Considerando o levantamento feito pelas autoras que demonstra a ausência de estudos de Recepção da Antiguidade, o objetivo deste trabalho, além de analisar o uso da Antiguidade na formulação da heroicidade feminina, é contribuir com os estudos de Recepção no país, que vem desenvolvendo, ainda de forma dispersa como as autoras demonstraram. Cabe ressaltar que o objetivo desta pesquisa não é realizar uma História das Mulheres ou História de Gênero, mesmo que para análise tenha se voltado a estudos e autoras que tratam do tema como Maria Ângela D’Incao (2008), Joana Maria Pedro (2008) e a dissertação de Sandra da Silva Careli (1997), já que para compreender de que forma as mulheres da Antiguidade foram apropriadas e ressignificadas pelo Parthenon é preciso compreender qual o modelo de mulher a sociedade idealizava e o quanto a heroicidade feminina aproxima-se ou afasta-se desse ideal.

1. O PARTHENON LITERÁRIO E OS USOS DA ANTIGUIDADE CLÁSSICA NA IMPRENSA

1.1 A Sociedade Parthenon Literário e a imprensa literária no Rio Grande do Sul no século XIX

No ano de 1869, quase um ano após a fundação da sociedade literária Parthenon Literário, o novo grupo de literatos publicou o primeiro volume de sua revista mensal. Nas duas primeiras páginas, Apolinário Porto Alegre, um dos membros fundadores, escreveu o programa da revista:

O dia 18 de Junho abriu o cyclo litterario na província, que até então, não podéra reunir um nucleo, onde a luz civilisadora se concentrasse nos certamensscientificos¹, nos pleitos da tribuna e na discussão transcendente sobre o verdadeiro, o bem e o bello.

E' verdade que o pacto fundamental de nossos direitos realisára duas magesticas manifestações da liberdade e do pensamento: a imprensa e as camaras: porém, perguntamos : Essas duas formulas satisfazem as aspirações do espirito? Não.

São realmente arenas para o desenvolvimento de intellectualidades; mas restrictas-, mas de angusto ambito para os anhelitos de um povo que pensa que é livre. (PORTO ALEGRE, 1869, p. 3)

Escrito em tom oratório, como destaca Athos Damasceno Ferreira (1975, p. 57), com rebuscamento, citação de autores e expressões estrangeiras, o discurso de Apolinário Porto Alegre sobre a escassez de espaços para desenvolvimento de uma imprensa literária não destoava da realidade da província. A imprensa nas Américas inicia-se a partir do século XVI, após a vinda dos europeus, mas de forma escassa e sobre o controle de suas metrópoles (MOREL, 2012, p. 12). No Brasil, a imprensa só desenvolveu a nível nacional após a vinda da família real para a colônia, sendo proibida antes disso, apesar do jornal *Correio Braziliense*, editado em Londres, circular clandestinamente no ano de 1808, junto ao jornal oficial *Gazeta do Rio de Janeiro* (ALVES, 2009, p. 138) e outros panfletos anônimos serem registrados anteriormente. A independência e a Revolução do Porto foram fatores que contribuíram ao desenvolvimento da imprensa nacional, juntamente às disputas e transformações da época, além das experiências do período colonial, onde panfletos anônimos, periódicos estrangeiros, leituras em grupo ou em voz alta, e manuscritos eram

¹ A grafia das citações foi mantida igual às originais.

formas de circulação de material impresso que se relacionavam com a imprensa periódica que ainda ganhava espaço (MOREL, 2012).

Na província de São Pedro, entretanto, a imprensa desenvolve-se somente a partir de 1827, com a publicação do jornal *Diário de Porto Alegre*, editado e impresso por dois franceses (Dubreuil e Estivalet), contratados pelo governo provincial (DILLENBURG, 1987, p.8), iniciando o período chamado por Hohlfeldt (2006, p. 2) de uma “pré-história” da imprensa rio-grandense, caracterizado por jornais de curta duração, seja por dificuldades estruturais, econômicas ou por terem cumprido seus objetivos (ABREU, 2014 p. 20). Deve-se levar em conta também que a maioria da população era analfabeta, além da tardia inserção das tipografias e a censura imposta pelo governo, que dificultaram a formação de um público leitor. A imprensa da província recebeu um novo impulso de desenvolvimento com a Guerra Farroupilha, caracterizada por jornais de cunho revolucionário, favoráveis ou não aos revoltosos e vinculada a partidos políticos, atitude criticada por periódicos literários como o Parthenon.

Entretanto, enquanto a imprensa desenvolve-se desde a década de 20, não podemos dizer o mesmo da literatura ou da imprensa literária, que surge somente na segunda metade do século XIX, geralmente por meio de periódicos de duração efêmera, que não conseguiam manter-se financeiramente (BOEIRA, 2009, p. 82). A grande maioria dos autores atribui tal característica da literatura regional aos diversos conflitos que ocorreram na região, Guilhermino César (1971, p. 117), na sua obra *História da Literatura no Rio Grande do Sul*, destaca conflitos vividos pela região como a Guerra Farroupilha (1835-1845), a disputa contra Oribe e Rosas, chamada Guerra do Prata (1850-1851) e a Guerra do Paraguai (1864-1870), que ainda estava se desenrolando quando periódicos literários anteriores ao Parthenon foram fundados. Outros autores destacam também as disputas em torno da região entre portugueses e espanhóis nos séculos XVII e XVIII². Entretanto autores como Ana Luiza Martins (2012, p. 21) afirmam que a preferência pelo debate político em detrimento da literatura foi comum nos inícios da imprensa no império.

A partir dos anos de 1850, a província já estava incorporada ao império após a guerra civil e na década de 1860 vive-se o desenvolvimento econômico das principais cidades como Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas, de onde muitos literatos vinham, com o surgimento de

² MOREIRA, Alice T. Campos, MOREIRA, Maria Eunice e PÓVOAS, Mauro Nicola. *A Sociedade Parthenon Literário e a formação da literatura no Rio Grande do Sul*. Disponível em <<http://editora.pucrs.br/acessolivre/livros/partenon-literario/a-sociedade-partenon-literario.html#projeto-de-digitalizacao>> Último acesso 18 de Novembro de 2019.

indústrias, transporte e comunicação (STRELOW, 2011, p. 2). Tais fatores como o desenvolvimento industrial e a pacificação da região contribuíram para o desenvolvido tanto do que Strelow (2011, p. 2) caracteriza como jornalismo político-partidário quanto do literário-independente. Ainda segundo a autora, a partir dessas décadas, cerca de 70 periódicos literários circularam pela província, de curta duração e geralmente com dificuldades financeiras, tendo sido o primeiro deles o periódico *O Guaíba* (1856-1858).

Além das dificuldades financeiras, não havia uma formação para dedicar-se às letras. Enquanto na Europa do começo do século XIX, já existia um conceito de literatura, um mercado editorial e a ideia de que o “homem de letras” era capaz de viver das “letras”, no Brasil a inexistência de um mercado editorial, a tutela aristocrática como forma de manter-se das letras ou impossibilidade de sustentar-se pela produção literária, caracterizam a literatura e seus literatos (CANO, 2001). O conceito de literatura sequer existia nos dicionários estudados por Cano (2001), havia somente a expressão de “belas letras”, abrangendo história, filosofia, poética e retórica. Apesar da expressão “literatura” estar presente na Revista do Parthenon e a literatura no império ter se desenvolvido com o Romantismo pós 1830, a ausência de profissionalização e mercado editorial na província não havia se alterado consideravelmente, tornando-se impossível sobreviver através da produção literária. Como destaca Silveira (2008, p. 10), para ser literato era preciso entender de política, história, arte, poética, além de aproximar-se dos ideais estéticos vigentes. Cabe também lembrar o elevado analfabetismo da região que dificultava a formação de um público leitor e consumidor desses periódicos, como já foi mencionado.

É neste contexto de efervescência cultural na metade do século XIX, que a *Sociedade Parthenon Litterario* surge em 1868. Apesar de não ter inaugurado o ciclo literário na província, como descreve-nos Apolinário Porto Alegre no programa da primeira edição, a sociedade teve grande importância por ter sido possivelmente a mais expressiva, tendo sua revista circulado por 10 anos, apesar de algumas interrupções, sem depender de anúncios em suas páginas. Seu periódico inicia-se com 30 páginas, contudo, no segundo ano, já conta com 50 páginas abrangendo crônica, teatro, ficção, romances históricos, lendas regionais, estudos filosóficos e históricos.

A cada mês, membros do Parthenon alternavam-se na escrita das diversas seções do periódico, sendo escolhido o redator do mês responsável por redigir o “Ementario Mensal”, ou “Chronica”, ou ainda “Chronica Mensal”, dependendo do ano da edição consultada, onde se comentava sobre obras publicadas, a vida cultural da província e projetos do Parthenon,

incluindo críticas feitas à revista nos primeiros anos. A qualidade de seus textos e autores já foram motivos de discussões por autores como Guilhermino Cesar (1971), Sérgio Roberto Dillenburg (1987) e Lothar Hessel (1976). A qualidade da obra do Parthenon não interessa a essa pesquisa, entretanto é preciso destacar o valor histórico da sociedade por ter sido o primeiro grupo a estabelecer uma literatura regional, como destaca Guilhermino Cesar:

Abre-se com o “Parthenon” o ciclo da literatura regionalista, dita gauchesca, como consequência de uma atitude mental necessariamente combativa. Através de seus primeiros cultores, a nova corrente se deixou atrair, acima de tudo, pelo passado gaúcho, procurando reviver o gaúcho largado, o homem livre dos primeiros tempos da conquista, os rebeldes de 1835. (CESAR, 1971, p. 173)

Além de serem os primeiros a destacar elementos regionais na literatura, a sociedade tinha um projeto cultural e político: a emancipação dos escravizados, a educação feminina, o desenvolvimento de uma literatura regional e a “civilização” da província pelas letras. O projeto civilizador do Parthenon baseava-se na ideia de que a batalha “pelas letras” deveria substituir a batalha pela espada, ou seja, o comportamento cortês, racional e erudito deveria substituir a barbárie popular, sendo visto como ápice do progresso, como destaca Silveira (2008, p. 65-66). No quesito de “escola” literária, aproxima-se do Romantismo com descrições idílicas e idealização dos personagens (HESSEL, 1976, p. 21) buscando inspiração na história regional e em seus “heróis” locais, além de lendas e histórias populares. A sociedade também se destacava nos diversos projetos que protagonizou como as aulas noturnas, que foram até 1884, e a construção de uma biblioteca. A Revista da sociedade não ficou restrita a Porto Alegre, organizando um sistema de sócios-correspondentes de forma que a Revista chegasse às principais cidades da província³.

Além de tendências da época como o positivismo, iluminismo, anticlericalismo em alguns momentos, liberalismo e republicanismo, a Antiguidade Clássica é presença constante ao longo do periódico, seja por seu caráter exemplar, a formação nos clássicos (como a retórica, própria da formação dos membros do Parthenon e das elites da época), as comparações ou a autoridade atribuída aos pensadores da antiguidade, sendo usada para justificar inclusive posições políticas. Podemos observar um exemplo disso no próprio nome

³ MOREIRA, Alice T. Campos, MOREIRA, Maria Eunice e PÓVOAS, Mauro Nicola. *A Sociedade Parthenon Literário e a formação da literatura no Rio Grande do Sul*. Disponível em <<http://editora.pucrs.br/acessolivre/livros/partenon-literario/a-sociedade-partenon-literario.html#projeto-de-digitalizacao>> Último acesso 18 de Novembro de 2019

da sociedade que faz referência ao Parthenon de Atenas, demonstrando a influência da antiguidade greco-romana, pois:

A escolha do nome da entidade revelava o objetivo de permanecer fiel aos ideais de beleza e de perfeição da antiguidade clássica e de diferenciar a nova instituição de outro grupo, o vinculado à Arcádia, periódico que circulou entre 1867 e 1870, em Rio Grande e Pelotas. A sociedade fundada por Caldre e Fião e Apolinário Porto Alegre procurava reavivar o fausto da Grécia Antiga, nos moldes da cultura helênica em tempo e espaço muito distanciados.⁴

Assim, o Parthenon, em seu projeto de construção de literatura regional, buscava na antiguidade uma inspiração na busca por escrever suas epopeias dos “heróis” gaúchos, ou nas menções às musas inspiradoras. O templo ateniense era tido de tanta importância para seus membros que o projeto para a sede própria da sociedade, que nunca chegou a se realizar, buscava recriar na fachada da construção o Parthenon de Atenas o mais semelhante que fosse possível⁵. No programa do primeiro volume da revista, a antiguidade aparece como modelo de circulação de ideias, onde filósofos discutiam nos espaços públicos, como praças, diferente da província, onde segundo Apolinário Porto Alegre nos primeiros parágrafos do “Programa”, citado no início deste capítulo, havia escassez de espaços onde a elite “civilizada” pudesse socializar:

Na antiguidade o voo e exibição de ideias não tinha, como nos tempos modernos, limites enquanto ao local. Aristoteles ensinava passeando nas galerias do Lycêo, Zeno entre os fustes do Pecilio, Platão à sombra dos plátanos e oliveiras à margem do Cephiso, Socrates não desmerecia indo discutir com Aspazia em companhia de seus discípulos. As praças, ruas, porticos, alamedas e gymnasios servião de tribuna, de escola e de academias. Hoje o invento de Guttemberg e Faust veio supprir esta falta. (PORTO ALEGRE, 1869, p. 4)

Como mencionado por Silveira (2008), nos povos da antiguidade, além de modelos estéticos, buscava-se características que poderiam ser comparadas a província. Ainda segundo a autora, a sociedade via a província como uma “Esparta Brasileira”. A comparação seria possível devido ao caráter bélico da província, que havia participado de vários conflitos, além da guerra civil. O “caráter espartano” da província poderia também surgir como um contraponto a São Luiz do Maranhão, tida na época como a “Atenas Brasileira” (SILVEIRA, 2008, p. 95).

Além do paralelo feito entre a província e Esparta, outra cidade grega é escolhida para

⁴ ibid.

⁵ ibid.

compor a identidade do grupo, no caso Atenas. A escolha do Parthenon de Atenas para compor o nome do grupo também se relacionava aos ideais clássicos e civilizatórios buscados pelos literatos na Antiguidade. A deusa Atena era associada à guerra estratégica e sábia, unindo sabedoria e poder bélico, tornando-se assim uma comparação perfeita ao caráter guerreiro pelo qual a província era lembrada e a sabedoria e instrução buscada pelos membros do Parthenon (SCHNORR e ROSA, 2012, p. 51). Nos volumes consultados de 1869, a Antiguidade perpassa a poesia, a crônica ou o conto seja em menções a fatos, personagens ou obras, ou na presença da retórica, amplamente utilizada por seus membros. Mesmo nos romances históricos, os heróis utilizam de expressões em latim, tem seus feitos heroicos comparados a personalidades eminentes da antiguidade como Aníbal e Hércules ou a criaturas míticas. Nas atas de reuniões encontramos a presença clássica nas teses postas em debate como: “Qual a influência do século de Péricles no domínio da literatura?” ou “Qual foi a época mais brilhante de Roma, sob o governo monárquico ou sob a república?” (CESAR, 1971, p. 179). O que buscaremos analisar são os sentidos das apropriações da Antiguidade feitas pela imprensa e elites da época, na qual se inseriam os membros do Parthenon, destacando a questão feminina presente em dois artigos publicados no ano de 1869.

1.2 Os “homens de letras” e os usos da Antiguidade Clássica

Como foi dito anteriormente, a Antiguidade era uma presença constante no Parthenon. Além de seu caráter exemplar, diversos autores e obras clássicos são utilizados nos textos do periódico. Estudos recentes de Vargas (2007 e 2018) e Abreu (2014) analisam a presença da Antiguidade em outros periódicos do século XIX, o primeiro analisando os periódicos *O Analista* e *O Independente*, e o segundo os periódicos *Correio da Liberdade* e *O Noticiador*. Além deles, Kunst (2012) e Silva (2010) também analisaram os usos do passado greco-romano, o primeiro na obra de Euclides da Cunha, *Os Sertões*, e o segundo na de Alfredo Varela, aluno de Apolinário Porto Alegre. Entretanto, o uso da Antiguidade não era presença apenas nos periódicos do século XIX e XX.

A vinda da família real, além de possibilitar o desenvolvimento da imprensa, trouxe com sua corte toda a pompa europeia. Buscando modernizar e ocidentalizar a nova capital do Império Português, diversas reformas modernizantes foram feitas. Instituições como a Academia de Belas Artes, a Biblioteca Nacional, o Museu Imperial (inspirado no Louvre e no Museu Britânico) ou Colégio Dom Pedro II, foram criados após a vinda da Corte e da

independência como destaca Chevitarese e Souza (2008, p. 104). A proclamação da Independência continuou o processo de ocidentalização e procurou criar um passado para a nova nação, buscando na História Grega e Romana aproximar-se do ocidente e apagando de sua história o índio e o negro. O fato da Corte do novo Império Brasileiro ser europeia reforçou o desejo manifestado pela imprensa de aproximar-se dos ideais ocidentais (MARTINS, 2012, p. 21), seu segundo imperador D. Pedro II, foi instruído nos clássicos, além de tradutor de Tucídides, sendo por isso lembrado como um soberano iluminado e intelectualizado já que “os conhecimentos conectados à tradição clássica constituíam um ideal de erudição e cultura enormemente valorizados nos países que perseguiram uma concepção de civilização advinda da Europa, como o próprio Brasil do início do século XIX” (PENNA, 2008, p. 67) .

A importância do ensino dos clássicos não se restringia ao ensino do imperador, sendo levada também a instrução pública que deveria difundir o ideal civilizador das elites do XIX, baseado na erudição. O Colégio Dom Pedro II, teve durante muito tempo o ensino de História Antiga e Romana, além do Latim, como uma de suas principais cadeiras e mesmo as disciplinas que não estavam diretamente vinculadas à História Antiga dialogavam com esta de alguma forma:

[...] o latim e o grego clássico – línguas mortas que remetem à Grécia e Roma; retórica e filosofia discutindo obras da tradição clássica; História e Geografia estudando diretamente a Antiguidade; mesmo nas línguas que não têm conexão direta com a tradição clássica – em Francês se estudava Romanos de Montesquieu; em Inglês, a História Romana de Goldsmith; em alemão, Ifigênia em Tauride, de Goethe; e estes são apenas alguns exemplos. A erudição ligada à tradição clássica permeava todo o currículo. (PENNA, 2008, p. 71-72)

Os professores do colégio imperial buscavam nos “países esclarecidos” moldar a educação da nação nascente, traduzindo apostilas francesas para o ensino dos clássicos e considerando a Antiguidade Clássica como parte da história a ser escrita do império, tendo a história romana, especial destaque. Funari (2008, p. 187) analisa o favoritismo imperial por Roma, já que a Grécia era lembrada como efeminada e democrática, tornando assim Roma o modelo ideal:

Os modelos gregos não eram considerados os mais apropriados, já que a Grécia era tida como democrática e efeminada demais, além de ser uma civilização que havia sido derrotada pelas armas. Já Roma era esse modelo. Roma Imperial e o poder autocrático eram modelos para o império brasileiro e para o novo “poder moderador” de Pedro I, inspirado nas auctoritas do período romano. Com a

Constituição, que foi imposta pelo imperador, o “poder moderador é a chave de toda a organização política e era propriedade particular do imperador”.

O autor ressalta também outras características que levaram a identificação da Corte imperial brasileira com Roma, destacando sua importância simbólica e a presença da escravidão:

As antiguidades romanas foram particularmente importantes, por diversas razões simbólicas. Primeiramente, a corte brasileira era uma corte europeia. Não era portuguesa, pois isto a limitaria e também a ligaria diretamente a Portugal, de um modo que sua reivindicação por um status independente seria minimizada. Seu caráter europeu era melhor representado por Roma do que por qualquer poder europeu então existente. Além disso, o caráter aristocrático do Brasil, a presença esmagadora da escravidão, o governo autocrático, um território imenso, todos esses elementos contribuíam para sua identificação com a Roma Imperial. Os textos de Júlio César eram leitura básica durante o Império, e o Museu Nacional refletiu este *eulogium* das antiguidades romanas. (FUNARI, 2008, p. 187)

Todos esses estudos demonstram a importância atribuída a Antiguidade pela elite intelectual, que buscava a erudição como ideal civilizador e a Europa e a Antiguidade Clássica como parte da construção da história do Império recém formado, sendo seu uso não uma característica única do Parthenon, mas comum aos “homens de letras” do período. Ao constatar esse fato podemos questionar de que forma esses autores acessavam o conhecimento da Antiguidade e como é possível compreender as leituras feitas nas obras e periódicos citados. Um referencial teórico que se torna um grande auxiliador para responder essas questões é a História da Recepção da Antiguidade, que se utiliza da Estética da Recepção, uma proposta de análise da História da Literatura e tem como um de seus grandes nomes Hans Robert Jauss.

1.3 A Recepção da Antiguidade e a Tradição Clássica Brasileira

A Estética da Recepção propõe um deslocamento do foco da obra para o leitor (ZILBERMAN, 2008), criticando outras vertentes teóricas como o marxismo, estruturalismo ou positivismo, que consideram o texto uma unidade fechada e autônoma, sem considerar sua relação com o contexto histórico e com seus leitores, segundo a visão crítica dos teóricos da Estética da Recepção. Jauss e outros pensadores da Recepção procuravam desenvolver a historicidade do texto literário (ZILBERMAN, 1989) e propor uma nova metodologia aos estudos da História da Literatura da época, que consideravam somente a textualidade da narrativa literária.

Para os teóricos da Estética da Recepção, o caráter histórico da literatura se dá na recepção da obra pelo leitor, que poderia construir significados diferentes sobre a obra conforme seus conhecimentos prévios, e o contexto em que está inserido possibilitando assim, que obras da antiguidade greco-romana se atualizem à realidade sul-rio-grandense do século XIX nas leituras e releituras de seus leitores. Jauss utiliza a noção de “horizonte de expectativas”, de outro teórico da literatura: Hans George Gadamer (ZILBERMAN, 1989), para definir as possibilidades de compreensão e inovação de obra em determinada época e sociedade, muitas vezes respondendo às necessidades e questões do seu público, atualizando o significado da obra. Tal compreensão leva à ideia de que não existe uma interpretação ideal ou uma verdade absoluta sobre uma obra, mas diversos sentidos atribuídos de acordo com o “horizonte de expectativas” e conhecimento prévio de cada leitor, logo:

A teoria da recepção rejeita a existência de um texto original, objetivo e fixo, que deve ser examinado como uma forma de arte pura, como argumentariam as novas críticas e muitos teóricos pós-modernos. Na recepção, falamos mais em termos de texto "s", no plural, porque cada vez que um texto é lido, ele é recebido e interpretado de uma maneira nova.⁶

Charles Martindale utiliza-se entre outras teorias, da Estética da Recepção para analisar a recepção da literatura latina na inglesa. Em sua obra *Redeeming the text*, o autor expande as possibilidades de uso da Recepção com sua noção de texto ampla já que para o autor “texto seria qualquer veículo de significação: um mosaico, uma pintura escultura, um desenho... tudo sendo possível de análise como documento escrito”⁷, além de conceber, segundo Bakogianni (2016), a Recepção como interdisciplinar. Martindale também compreende a Recepção da Antiguidade como sendo pós-clássica, enquanto outros autores (como Bakogianni) argumentam que a Recepção começa na própria na Antiguidade. Da mesma forma que Jauss e os teóricos da Estética da Recepção, critica a existência de uma essência interpretativa, ou um sentido fixo de uma obra. Todavia, o processo de leitura não seria arbitrário, já que o leitor utiliza-se de seu conhecimento prévio da sua realidade e do

⁶ Texto traduzido por Vinícius Serpa dos Passos. Original em inglês: “Reception theory rejects the existence of the one, original, objective and fixed text that has to be examined as a pure art form as new criticism and many postmodern theorists would argue. In reception we speak rather in terms of text ‘s’, plural because each time a text is read it is being received and interpreted in a new way”. BAKOGIANNI, Anastasia. What is so ‘classical’ about Classical Reception? Theories, Methodologies and Future Prospects. *Codex – Revista de Estudos Clássicos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 2016 p. 96

⁷ VARGAS, A. Z. *Charles Martindale: a Recepção da Antiguidade e os estudos clássicos*, p. 20. Texto no prelo.

público a quem vai se dirigir, no caso dos periódicos, para fazer suas leituras⁸. Cabe destacar a importância dada por Martindale e os teóricos da Recepção, não apenas no texto em que o leitor está em contato, mas na série de textos que auxiliaram a formar um conhecimento prévio sobre obra, pois:

Na teoria proposta por Martindale, portanto, nossas interpretações da Antiguidade são construídas pela cadeia de recepções através das quais sua legibilidade se realiza. Isso permite desenvolver uma linha de pesquisa que é a de seguir as “cadeias”, como aquela que permitiu o uso da tirania ateniense na reflexão política do Brasil recém-independente, examinando as alterações e a constituição de tradições.⁹

Entretanto, as cadeias de recepção podem sofrer descontinuidades ou serem rompidas por falta de interesse, falta de acesso às obras, ou mudança do cânone, levando autores e obras ao esquecimento¹⁰. Cabe ressaltar que apesar da Estética da Recepção ser uma das influências nos estudos de Recepção da Antiguidade, ambas não são necessariamente a mesma coisa. Enquanto a Estética da Recepção nasce no âmbito dos estudiosos de literatura e tem uma área de estudo bem abrangente incluindo estudos na área de comunicação, a Recepção da Antiguidade “foca-se na maneira como o mundo clássico é recebido nos séculos subsequentes e, em particular, nos aspectos das fontes clássicas que são alterados, marginalizados ou negligenciados”¹¹ (BAKOGIANNI, 2016, p. 97).

Antes de prosseguir preciso da mesma forma que Vargas¹² alertar que, ao utilizar da Recepção, nas concepções de Martindale, para analisar periódicos estou divergindo do autor que não concorda com a extensão da recepção da antiguidade. Segundo ele, seu interesse está nos textos considerados esteticamente positivos ou “belos”. Sendo a Revista da Sociedade Parthenon Literário um periódico, acredito que meu objeto de estudo não está inserido no que Martindale entende como “belo”.

Tomando a recepção como referencial teórico, buscaremos responder as questões que essa área de estudos nos coloca, iniciando por de que forma a Antiguidade era acessada pelos

⁸ ibid. p. 10

⁹ ibid. pág. 20

¹⁰ ibid. pág. 21

¹¹ Texto traduzido por Vinícius Serpa dos Passos. Original em inglês: Classical reception focuses on the way in which the classical world is received in subsequent centuries and in particular on those aspects of the classical sources that are altered, marginalized, or neglected. BAKOGIANNI, Anastasia. What is so ‘classical’ about Classical Reception? Theories, Methodologies and Future Prospects. *Codex – Revista de Estudos Clássicos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 2016 p. 96

¹² ibid, p. 8

membros do Parthenon, quais cadeias de recepção são possíveis de perceber e como suas experiências de vida e seus “horizontes de expectativas” influenciaram os sentidos atribuídos à Antiguidade em seus textos. Tal tarefa não é das mais fáceis, já que o Parthenon era um grupo heterogêneo tanto em sua constituição quanto em seus ideais, formado por mulheres, homens, negros, figuras eminentes na política ou professores (SILVEIRA, 2008, p. 16). O uso da Antiguidade também não era comum a todos os membros, enquanto alguns, como Apolinário Porto Alegre, citam os Antigos frequentemente, outros membros não fazem referência nenhuma a elementos da Antiguidade. Um elemento em comum a alguns membros do Parthenon, contudo, é o uso da retórica, presente tanto na formação de alguns autores quanto manifestada diretamente no periódico.

José Murilo de Carvalho (2000, p. 127) destaca a importância atribuída à retórica pelas elites intelectuais brasileiras, onde a ausência de citações de autores estrangeiros dificilmente faria um intelectual ser levado a sério, além de sua influência histórica pela escolástica portuguesa na Universidade de Coimbra e no Colégio de Artes, onde muitos intelectuais brasileiros estudaram. Muitas vezes a autoridade citada tinha seu pensamento deturpado de forma que se encaixasse ao argumento de quem o cita, como já observou Abreu (2014) ao analisar os jornais *Correio da Libertade* e *O Noticiador* que se utilizavam, às vezes, dos meus autores, para defender seus princípios políticos. A retórica era parte da formação da elite intelectual e até mesmo aqueles com um pouco de instrução poderiam conhecê-la pelos diversos manuais publicados desde o século XVIII (CARVALHO, 2000). Além de manuais, a retórica estava presente entre o clero, seja nos sermões ou nas instituições de ensino jesuíticas portuguesas e em suas colônias, até sua expulsão com as reformas pombalinas (ABREU, 2014, p. 31), sendo reformulada e tendo sua importância reforçada.

Os próprios periódicos e panfletos poderiam servir como forma de acesso, como as resenhas literárias que passaram a circular no Império no início do XIX, e principalmente na metade do século. Escritas por esses “homens de letras” em sua maioria sem formação para a literatura, inexistente no período, as resenhas buscavam difundir obras literárias formando um público leitor, e o projeto civilizador das elites intelectuais do período: a formação de uma sociedade culta e cortes (FERREIRA, 2007). Nessas resenhas, escrita por leitores dos clássicos, tanto obras contemporâneas quanto dos antigos era citadas e comparadas tornando-se assim formas de difusão e acesso a parte do conhecimento da Antiguidade.

Entretanto, não podemos afirmar que na distante Província de São Pedro, essas obras chegassem, ou que seus autores leram as obras que citam devido à ausência de livros em uma

população majoritariamente analfabeta, motivo pelo qual Abreu (2014, p. 24) atribui os equívocos nas menções à Antiguidade ou a ausência de referência às obras:

Outra razão pela qual as informações apresentadas eram muitas vezes equivocadas, e as referências não correspondiam às obras originais, devia-se à ausência de livros no contexto brasileiro, suprida, em sua grande parte, por compêndio, textos redigidos por mestres e professores, de forma resumida e, que tinha por intuito fornecer de maneira acessível e comprimida as obras clássicas e canônicas, a fim de serem utilizadas no ensino. Esses compêndios eram muitas vezes escritos a partir da memória de seus autores, sem consulta aos textos de base, além de trazerem consigo interpretações particulares, não presentes nas obras originais. Não raro se tratavam de resumos de resumos.

Assim, o ensino de retórica possivelmente foi a forma de acesso desses “homens de letras” que liam e utilizavam os Antigos de forma retórica em seus periódicos. Ao analisarmos a trajetória dos membros do Parthenon, percebemos sua presença na vida destes, onde a formação Acadêmica dividia-se majoritariamente entre a Faculdade de Direito (curso completo ou não) e a Escola de Medicina (curso completo ou não) conforme levantamento feito por Silveira (2008), além de engenharia, geografia e formação militar incompleta. Sabemos que, segundo Carvalho (2000, p. 133), desde que foram criadas as escolas de direito, em 1827, a retórica constava no exame de admissão, sendo necessário aos membros do Parthenon que passaram pela Faculdade de Direito o domínio desta. A instituição também envolvia-se com a imprensa, órgão por onde muitos de seus estudantes se manifestavam politicamente, e com a literatura, onde seus alunos tomavam contato com o romantismo, principal corrente literária a influenciar os membros do Parthenon (MARTINS, 2012, p. 27). Entre os estudantes de medicina, o domínio dos Antigos era necessário igualmente, já que o prestígio social não vinha da formação, mas do conhecimento de uma cultura humanista e das tendências europeias (SILVEIRA, 2008, p. 35).

Um exemplo pode ser encontrado no autor de um dos textos que iremos analisar: *These História: Jovita é, ou não heroína?*, escrita por Francisco Antunes Ferreira da Luz, médico e deputado que atuou no primeiro ano da revista da sociedade. Ao analisarmos as trajetórias dos membros fundadores encontraremos situação similar: Apolinário Porto Alegre tinha formação incompleta em Direito, atuando como professor na Província, fundador do Instituto Brasileiro, além de participar como dirigente dos periódicos *Gazeta de Porto Alegre*, *a Reforma*, *A Imprensa* e *A Escola*; seu irmão Achylles Porto Alegre não seguiu o ensino superior devido à morte do pai sendo também professor e dirigido os jornais *O Comércio*, *A Notícia* e *A Escola*. Vasco de Araújo e Silva e Hilário Ribeiro também não concluíram seus

estudos, o primeiro na Escola Militar, atuando como professores e participando de outros periódicos, além de publicando livros didáticos no caso de Hilário Ribeiro. O último exemplo é de Affonso Marques. Diferente de outros membros, vinha de família pobre e destacou-se pelo sua eloquência, aprendida com um padre segundo os relatos mencionados por Silveira (2008, p. 47). Ao traçar a trajetória de alguns de seus membros, percebemos a retórica em sua formação, seja no ensino superior ou no contato com o clero, na sua vivência no meio do magistério, ou na participação na imprensa, onde as referências à Antiguidade circulavam na forma de manuais, compêndios ou nas próprias páginas dos periódicos (ABREU, 2014).

A presença da Antiguidade nos periódicos, além de agir como argumento de autoridade onde “justificava uma afirmação baseando-se no valor de seu autor” (REBOUL, 2004, p. 177), estavam incorporados aos argumentos, onde Antigos eram usados como forma de justificar afirmações e contentas, sendo geralmente evocados para que a autoridade a eles atribuída resolvesse disputas políticas (ABREU, 2014, p. 11). Entretanto o Parthenon Literário era um jornal de uma sociedade literária, tendo não apenas discussões políticas como a emancipação feminina ou abolição, mas buscando difundir a instrução na província e mantendo sempre um discurso de neutralidade e distância dos debates políticos que podiam “manchar” a pureza da poesia. Nessas situações o argumento de autoridade dos Antigos se mantém, mas não apenas em disputas políticas, mas também para enaltecer o *ethos* do orador perante seu auditório.

Dentre as três dimensões da retórica, *éthos*, *páthos* e *lógos*, sendo as duas últimas referentes respectivamente à audiência e ao objeto de debate, o *éthos* diz respeito ao orador, suas características morais e virtudes que o levam a ter a autoridade para falar e convencer o auditório a quem se dirige (MEYER, 2007, p. 35-36). O uso da Antiguidade recorre tanto a um argumento de autoridade quando a uma demonstração de *éthos* de quem fala. A afirmação do *éthos* para os membros do Parthenon era de importância para demarcar o lugar de onde esses intelectuais falavam, estabelecendo-se como “homens de letras” capazes de orientar e escrever sobre literatura. Os membros da sociedade também desejavam colocar-se enquanto capazes de julgar a produção cultural da província através de seu “Ementario Mensal” (ou “Chrônica” dependendo do ano da edição consultada) onde peças de teatro e obras publicadas eram comentadas e avaliadas. A validação do *éthos* pela demonstração de erudição poderia também ser usada como forma de defesa frente às críticas sofridas pela revista nos primeiros anos, como podemos observar em um “Ementario Mensal” escrito por Apolinário Porto Alegre sob o pseudônimo de Boccacio:

Eis-me pensativo em meu gabinete, reflectindo sobre a chronica da Revista que me fora confiada, e sobre um dos mais cervaes detractores do *Parthenon*, o Sr. Monchique de Avintes Queiroga, a quem podia applicar-se a celebre phrase de Apelles: < *Ne sutor ultra crepidam* >.

Queiroga é uma esphinge moral na ordem dos bipedes implumes de Platão, os quaes Diogenes comparava bem ao gallo depennado que soltou nas ruas de Athenas. (BOCCACIO, 1869, p. 20)

No trecho acima, Apolinário Porto Alegre refere-se a Monchique de Avintes Queiroga, um dos críticos da Revista, segundo o autor do “Ementario”. Aqui Apolinário Porto Alegre utiliza-se dos Antigos para atacar seu adversário através de uma frase de Apeles: *Ne sutor ultra crepidam*. O episódio foi narrado por Plínio, o Velho, na obra *Naturalis Historia*, onde um sapateiro, após criticar os sapatos da pintura feita pelo pintor grego, passa também a criticar outros detalhes da obra, sendo corrigido por Apeles que lhe alerta de que o sapateiro não deveria julgar além do sapato¹³, a máxima passou a ser usada para alertar que não se deve julgar além do que se conhece. No contexto da disputada entre Porto Alegre e Queiroga, a máxima utilizada pelo primeiro busca primeiramente nos Antigos autoridade para resolver a discussão demonstrando também a autoridade intelectual e capacidade do autor (ou seja, seu *éthos*) perante o crítico, que não teria igual capacidade para julgar a Revista por desconhecer sobre as “belas letras”. Outra referência é feita a um episódio narrado por Diógenes Laértios em *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*, onde após Platão definir o homem como um bípede sem plumas Diógenes depena um galo e o define como o homem de Platão

¹³ “Também era uma prática dele [referindo-se a Apeles], quando terminava um trabalho, exhibi-lo à vista dos transeuntes em algum lugar exposto; enquanto ele próprio, escondido atrás do imagem, ouviria as críticas que lhe foram feitas; era sua opinião que o julgamento do público era preferível ao seu, como sendo o mais exigente dos dois. Foi nessas circunstâncias, dizem, que ele foi censurado por um sapateiro por ter representado os sapatos com uma corda muito pequena. No dia seguinte, o sapateiro, muito orgulhoso de ver o erro anterior corrigido, graças a seus conselhos, começou a criticar a perna; sobre o qual Apelles, cheio de indignação, levantou a cabeça e lembrou-lhe que um sapateiro não deveria opinar além dos sapatos, um conselho que também passou para um provérbio proverbial.” Tradução e grifo nossos. Original em inglês: “It was also a practice with him, when he had completed a work, to exhibit it to the view of the passers-by in some exposed place;⁴ while he himself, concealed behind the picture, would listen to the criticisms that were passed upon it; it being his opinion that the judgment of the public was preferable to his own, as being the more discerning of the two. It was under these circumstances, they say, that he was censured by a shoemaker for having represented the shoes with one shoestring too little. The next day, the shoemaker, quite proud at seeing the former error corrected, thanks to his advice, began to criticize the leg; upon which Apelles, full of indignation, popped his head out, and reminded him that a shoemaker should give no opinion beyond the shoes, a piece of advice which has equally passed into a proverbial saying.” In: PLINY, *The Natural History*. Disponível em <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.02.0137:book=35:chapter=36&highlight=sutor%2Cne>> Acesso em 1 de dezembro de 2019.

(LAERCIO, 1997, p. 62). É interessante observar que, no trecho acima, não há nenhuma explicação de onde as referências foram retiradas, o leitor deveria conhecê-las para compreender o argumento do autor. Isto demonstra que possivelmente o auditório a qual Apolinário Porto Alegre se dirigia era capaz de compreender as referências da Antiguidade utilizadas e interpretá-las como demonstração de erudição e autoridade de quem fala.

Além de seu uso retórico como argumento de autoridade, seja para resolver discussões políticas, ou para atestar a erudição do orador, o uso do passado greco-romano está vinculado também a uma concepção de tempo e história conhecida como *historia magistra vitae*. Koselleck afirma que a *historia magistra vitae* e oratória estão relacionados devido ao seu caráter pedagógico:

Cícero, referindo-se a modelos helenísticos, cunhou o emprego da expressão *historia magistra vitae*. A expressão pertence ao contexto da oratória; a diferença é que nesse caso o orador é capaz de emprestar um sentido de imortalidade à história como instrução para a vida, de modo a tornar perene o seu valioso conteúdo de experiência. [...] A tarefa principal que Cícero atribui aqui à historiografia é especialmente dirigida à prática, sobre a qual o orador exerce sua influência. Ele se serve da história como coleção de exemplos - *plena exemplorum est historia* [a história é cheia de exemplos] - a fim de que seja possível instruir por meio dela. (KOSELLECK, 2011, p. 43)

A história apresenta-se na retórica como exemplos a serem utilizados pelo orador para instruir. A própria ação de utilizar de exemplos e demonstrações é uma forma de argumentação da oratória, apresentando um passado que deve ser imitado e seguido, “o passado é um mestre sábio, suas lições são uma segurança para o futuro” (SANTOS, 1869, p. 23), escreve-nos José Bernardino dos Santos em um dos “Ementarios Mensais” do Parthenon. Para os intelectuais da época, o passado apresentava-se como modelo seguro a ser seguido, os grandes feitos que levaram ao progresso dos grandes impérios da Antiguidade deveriam ser imitados e os que levaram a sua ruína deveriam ser lembrados e repelidos para não levassem também a desgraça daqueles que viviam o presente (ABREU, 2014, p. 106). Considerando o uso prático da história principalmente clássica, como fonte de exemplos, aos moldes de Cícero, é possível compreender como realidades tão distintas como as mulheres na província de São Pedro e personalidades femininas marcantes da antiguidade como Vetúria e Artemisa, sejam aproximadas, trata-se de um recurso retórico, aliado a uma concepção de passado enquanto fonte de exemplos e ensinamentos, permitindo que dois exemplos possam ser completamente despidos de seus contextos e colocados como iguais.

Ao mesmo tempo em que a história apresenta-se como modelo a ser seguido, o futuro passa a ser buscado através do progresso. Essas duas visões de história em que a Antiguidade é imitada e confrontada coexistem nas páginas da revista do Parthenon, e foram também analisadas no *O Noticiador* e no *Correio da Liberdade* por Abreu (2014), de forma que no primeiro número, Apolinário Porto Alegre afirme que a mocidade da sociedade tem “ódio para o passado, coragem para o presente e esperança para o futuro” (PORTO ALEGRE, 1869, p. 4), enquanto que no mesmo ano Bernardino dos Santos afirme, como já foi citado, o valor que o passado tem como fonte de ensinamentos a serem imitados. Percebemos o passado como fonte de ensinamento que guiaria para o futuro, onde o fim seria o progresso.

A proximidade entre passado e presente própria da *historia magistra vitae* também pressupõe e crença de uma essência humana universal e atemporal, como destaca Jaisson Oliveira da Silva (2010, p. 93) ao analisar a antiguidade na obra *História da Grande Revolução* de Alfredo Varela. Sendo atemporal, essa essência poderia ser encontrada em todas as épocas, não importando se fosse passado ou futuro. Podemos identificar essa crença nas biografias do Parthenon, que buscavam em grandes personalidades exemplos para instruir a população da província. A biografia do Cônego Thomé Luiz de Souza, em que o autor não foi informado, publicada em setembro de 1872 inicia destacando a importância da história pelo seu uso exemplar:

A história, a lição do passado, a tradição dos erros, ou virtudes da humanidade, de muito servem ao presente, ás sociedades de novo constituidas, porque dão a medida da fraqueza e das forças de que são dotadas, dos recursos de que podem dispôr, e dos melhoramentos de que são susceptíveis. Da mesma forma o registro das açções dos homens elevados, serve de correctivo aos que percorrem ora a estrada da vida precavendo-os contra os erros de que aquelles já foram victimas e animando-os pelos resultados no trabalho, abnegação coragem, estudo. (1872, pág. 4)

Após falar sobre a importância de conhecer os erros e acertos do passado para repeti-los ou não, o autor não informado prossegue:

A humanidade sempre a mesma em todos os tempos, reproduz os typos mais importantes, e dadas circunstancias iguaes vemol-os representar papeis iguaes na sua existência activa.
O grande geometra de Siracusa, a quem faltava uma alavanca no espaço para mover á sua vontade os grandes corpos celestes, vê-se aparecer mais tarde em Roma sob o nome de Galileu affirmando a existencia do movimento terrestre, e depois na velha Albion sob a prestigiosa aureola de descobrir da decomposição do raio solar, com a de Newton.

Os homens copiam-se uns aos outros, o que quer dizer que os caracteres reproduzem-se, milagre que operam a historia, o registro, as açções humanas, e os livros da sciencias. (1872, pág. 4)

Percebemos a visão cíclica de história, própria da *historia magistra vitae*, que ensina por seus exemplos e por onde essências atemporais humanas perduram permitindo que “os homens copiem-se uns aos outros” como na citação acima. Essa crença em uma essência perpassa não apenas as biografias publicadas pela revista, mas os dois textos que analisaremos a seguir que trazem a questão política da emancipação feminina na revista, a história como modelo a ser seguido e a existência de essências atemporais em meio às estratégias retóricas de seus autores.

2.HEROÍNAS ANTIGAS E MODERNAS: HEROICIDADE FEMININA E RECEPÇÃO DA ANTIGUIDADE

2.1 Jovita e o patriotismo feminino na Guerra do Paraguai

Para compreender que leituras e significações são feitas sobre as personagens da antiguidade mencionadas a partir de Jovita, é necessário saber quem foi Jovita e como ela e as mulheres eram idealizadas pela imprensa. Jovita Alves Feitosa é descrita como uma jovem de 17 anos, cearense, que se vestiu de homem para voluntariar-se na Guerra do Paraguai em 1865, mas acabou sendo descoberta e impedida de ir para a guerra (DOURADO, 2005, p. 85). Além de Jovita, muitas foram as mulheres que se engajaram, ou tentaram se engajar, na Guerra do Paraguai, seja pegando em armas nas linhas de frente, ou atuando como enfermeiras, costureiras, acompanhando maridos ou filhos como destaca Ortolan (2006, p. 84):

O envolvimento feminino na Guerra do Paraguai foi significativo e numericamente considerável, sem dúvida um dos mais altos em guerras na América Latina. Muitas mulheres, de forma voluntária, participaram dessa luta contra os exércitos aliados do Brasil, da Argentina e do Uruguai. Outras tantas, especialmente mulheres da classe baixa, não tinham opção e encontravam-se no meio da luta, restando a elas participar das campanhas militares contra os aliados. Ao passo que outras mulheres, milhares talvez, de todas as classes sociais, encontravam-se entre as vítimas.

No Paraguai, a participação feminina na guerra foi incentivada pela imprensa, que comparavam as voluntárias a guerreiras espartanas, difundindo sua imagem como modelo patriótico a ser seguido, já que em determinados períodos da guerra foram as mulheres que garantiram a defesa do território (ORTOLAN, 2006, p. 85). Além de exemplo, a divulgação da mulher guerreira e viril buscava causar medo no inimigo e manifestar a certeza da vitória (ORTOLAN, 2006, p. 92). Segundo Carvalho (2019, p. 43), a Guerra do Paraguai gerou um verdadeiro sentimento patriótico também no Brasil, além de um movimento cívico, o primeiro no país, onde o patriotismo feminino também foi divulgado, entretanto a participação das mulheres na guerra através das armas gerou mais divergências:

A presença das mulheres na guerra era retratada como incentivo ao alistamento voluntário, mas ao contrário da imprensa paraguaia o fato de uma mulher pegar em armas para defender seu país dividia opiniões. Enquanto uns defendiam a figura da

mulher soldado, rompendo com os padrões estabelecidos, outros defendiam que a mulher deveria ajudar na guerra exercendo as mesmas funções que realizavam em casa, permanecendo à sombra dos homens, tal pensamento retrata a forte imposição patriarcal da época. (PALLANO, SOUZA e MARIN, 2016, p. 6)

Além da discussão na imprensa de qual deveria ser o papel das mulheres na guerra, muitas das que se envolveram não tiveram o reconhecimento de seus atos posteriormente. Dourado (2005, p.81) destaca que, apesar da expressiva presença feminina na Guerra do Paraguai, essas mulheres foram em sua maioria esquecidas, com exceção daquelas geralmente vinculadas a homens de importância. Jovita foi uma dessas mulheres que se destacaram e acabaram virando notícia na imprensa, tornando-se praticamente uma celebridade em sua época. No seu recente livro, José Murilo de Carvalho descreve a voluntária, destacando o fenômeno que se tornou entre a elite, até a recusa em ingressar nas tropas:

Foi recebida em palácios presidenciais, exaltada nos teatros, presenteada, bombardeada com versos e aplausos. Chamaram-na a Joana d'Arc brasileira. Na Corte, repetiu-se o clima de exaltação. Mas logo veio uma ducha de água fria: a Secretaria da Guerra recusou sua incorporação como combatente. Só poderia ser aceita para o serviço de saúde, como já o fora a baiana Ana Néri. (CARVALHO, 2019, p. 8)

Após ter seu pedido negado para se juntar às tropas, Jovita foi esquecida pela imprensa, voltando a ser o centro das notícias novamente em 1867, ano que após descobrir que o engenheiro inglês Guilherme Noot, com quem se relacionava havia partido sem avisá-la, suicidou-se apunhalando o coração (CARVALHO, 2019, p. 9) Através de uma pesquisa no site da Hemeroteca Nacional é possível encontrar menções a ela em jornais de diversas partes do país, indo de 1865 a 1867, principalmente. Carvalho (2019) menciona também diversas fontes que tratam da heroína. No jornal *Semana Ilustrada*, publicado no Rio de Janeiro, encontramos menções a Jovita e a seu patriotismo:

A Jovita é a fascinação do patriotismo; o sonho dos rapazes, o espinho das moças, a inquietação das senhoras, a inveja das viúvas, a distração dos maridos, a admiração dos velhos, o *cliche* de todo mundo.

Mas quem é Jovita? Palavra de honra que eu não sei mesmo o que seja a Jovita. Dizem que é uma moça, mas uma moça que é um homem; dizem que é um sargento que uza saias; Venus moderna que sem atraíçoar nenhum Vulcano alliou-se fracamente ao Deos Marte e alegre e resoluta marcha para a guerra como para uma festa. (DR. SEMANA, 1865, p. 1985)

É interessante observar as referências à Antiguidade adotadas pelo periódico, como já comentamos, prática frequente da imprensa do período. Nas biografias, há igualmente

menções a Antiguidade para caracterizar a personagem como na obra *Traços biográficos da heroína brasileira Jovita Alves Feitosa* escrita pelo pseudônimo Um Fluminense, onde a personagem é comparada às guerreiras espartanas¹⁴. No Rio Grande do Sul, a menção feita a Jovita remete a 1869, após a morte dela em 1867 somente no Parthenon, já que pelo sistema de busca da Hemeroteca Nacional não há menção a seu nome entre 1860 e 1869. Entretanto, ressaltamos que os dados apresentados são com base na Hemeroteca Nacional, portanto não é possível ter certeza devido às limitações da plataforma. Existe a possibilidade de que os dados presentes sobre Jovita na Revista do Parthenon tenham vindo de jornais das grandes cidades de outras províncias, prática comum na imprensa como já foi observado por Joana Maria Pedro (2008, p. 283), ao analisar o ideal feminino na imprensa, ou pelas biografias e folhetos publicados como o já mencionado *Traços biográficos da heroína brasileira Jovita Alves Feitosa* (1865), *Jovita* (1868) e o capítulo publicado na obra *Seleto brasiliense* (1868) de José Marcelino Pereira (CARVALHO, 2019, p. 119).

No Parthenon, Jovita é retratada como uma jovem cearense, que não podendo ser “insensível ao elevado sentimento do amor da pátria, que dominava seus compatriotas cearenses, maldiz em um momento de furor a ora em que não nasceu homem para partilhar com elles as fadigas e glórias de uma campanha” (LUZ, 1869, p.8), tendo se apresentado ao presidente de sua província que lhe dá as divisas de sargento, (o autor não menciona o fato da jovem vestir-se de homem). Ao chegar ao Rio de Janeiro, é proibida de marchar junto aos voluntários, já que o governo imperial acredita que seu patriotismo é na realidade desculpa para seguir um amante, o que no Parthenon é tratado apenas como especulação (LUZ, 1869, p.10). Ao ter seus desejos patrióticos negados, Jovita entrega-se a prostituição e por fim se suicida ao ser abandonada por um amante, fato que foi noticiado também em Santa Catarina.

.Após a sua morte, alguns periódicos passaram a veicular que a voluntária havia se prostituído, assim como mencionado pelo Parthenon. Segundo Carvalho (2019, p.10), entre as diversas lacunas na história de Jovita, a prostituição é um dos mais certos, tendo como uma de suas principais fontes de comprovação o testemunho de Sisno de Fashera, simpatizante da

¹⁴ “Uma menina de dezoito anos incompletos, tomando toda a coragem diante desses acontecimentos vertiginosos, que iam arrastando os ânimos para um martírio, que já se prolongava, apresentou-se pobre e singela, tendo n’alma o sentimento generoso das mulheres espartanas, ajoelhou-se ante o altar da pátria, e aí prestou um juramento solene de amor e dedicação eterna!” In: UM FLUMINENSE, *Traços biográficos da heroína brasileira Jovita Alves Feitosa, ex-sargento 2º corpo de voluntários do Piauí, natural do Ceará*, 1865 apud CARVALHO, José Murilo de. *Jovita Alves Feitosa: voluntária da pátria, voluntária da morte*. São Paulo: Chão Editora, 2019 p.16

voluntária. Contudo, os discursos de martírio e heroísmo da principal personagem do texto e o elogio feito às voluntárias da Guerra do Paraguai pela imprensa não buscava emancipar a mulher e aceitar suas reivindicações por direitos, tratava-se de uma estratégia de difusão de patriotismo, uma vez que “se as mulheres conseguiam tal feito a população masculina ficaria obrigada a superá-las em bravura” (PALLANO, SOUZA e MARIN, 2016, p. 5). Jovita tornou-se assim um exemplo patriótico amplamente divulgado pela imprensa, que servia para o incentivo de recrutamento masculino, tendo inclusive um romance escrito após seu suicídio em 1867, que foi divulgado pelo jornal *Diário do Povo: político, literário, noticioso e comercial*, no Rio de Janeiro, intitulado *Jovita a voluntária da morte*, outras referências a sua vida e morte podem ser encontrados nos periódicos *Semana Ilustrada*, no Rio de Janeiro, *O Despertador* e *O Mercantil*¹⁵, ambos de Santa Catarina. O prestígio que se criou em torno de Jovita pode justificar o porquê de um texto discutindo seu heroísmo ter sido publicado pelo Parthenon, em 1869, quando a guerra ainda estava acontecendo, onde não apenas a posição política do Parthenon em relação à questão feminina é evidente, mas outras personalidades femininas da Antiguidade Clássica são citadas em comparação a Jovita, sendo a última a mais heroica delas. As referências à Antiguidade também tem caráter retórico à medida que demonstram a erudição do orador. O uso de exemplos e comparações também é uma técnica argumentativa que busca induzir seus leitores a chegar às mesmas conclusões que o orador.

2.2 “Mais uma vez como em Salamina os homens como mulheres e as mulheres como os homens”: heroísmo de Artemisa e heroicidade feminina

O texto *These Historica Jovita é, ou não uma heroína?* foi publicado na edição de junho de 1869, mas como indica ao final do texto foi escrito em setembro do mesmo ano. Por se tratar de um parecer de uma tese, como consta no título do estudo, o autor dá a sua opinião sobre a pergunta, Jovita seria ou não uma heroína de forma argumentativa, apresentando sua tese e em seguida seus argumentos. Ao início de seu texto, F. A. Ferreira da Luz, deixa claro sua opinião acerca do heroísmo feminino: “A mulher heroína é sem dúvida, abaixo de Deus, e depois da mulher mãe e da mulher esposa, a mais sublime palavra que se possa pronunciar sobre a terra” (LUZ, 1869, p. 8). Este pequeno trecho já deixa clara a posição da mulher

¹⁵ As edições consultadas dos jornais citados são: *Diário do Povo: político, literário, noticioso e comercial*, novembro de 1867, nº 55, p.4; *Semana Ilustrada*, setembro de 1865, p.2; *O Despertador*, outubro de 1867, nº 498, p.2 e *Mercantil*, outubro de 1867, nº 677, p.3.

heroína estando abaixo dos dois principais papéis atribuídos à mulher, o de mãe e esposa, refletindo o debate em torno do papel da mulher na sociedade feito pela imprensa que retomaremos mais à frente.

Seguem-se exemplos que demonstram, desde a Antiguidade Clássica, como a mulher sempre é tratada como vítima e serva dos homens que poderiam inclusive contrapor a ideia de mulher heroína. Entretanto como o autor nos coloca, a mulher continua resplandecendo como uma semideusa que: “[...] não contente em ser a primeira em guiar os nossos vacilantes passos de infante, em ser a nossa educadora, a nossa conselheira fiel na vida, ainda nos oferece suas delicadas mãos para empunhar a lança contra o inimigo em favor de sua cara pátria! Então é ella a mulher heroína!” (LUZ, 1869, p. 9)

No trecho citado acima encontramos a tese do autor, que compreende a heroicidade feminina como vinculada a pátria. Segue-se uma série de narrativas de feitos heroicos femininos, onde encontramos o de Artemisa, Joanna de Montport¹⁶, Joanna de Blois¹⁷, Joanna d’Arc¹⁸ Maria Pacheco¹⁹ e Margarida d’Anjou²⁰. Para esta análise nos deteremos à narrativa de Artemisa. As referências a mulheres da Antiguidade Clássica constituem um recurso de argumentação por ilustração, onde se busca reforçar e esclarecer a regra, aqui no caso vista como a tese do autor do heroísmo feminino:

Enquanto o exemplo era incubido de fundamentar a regra, a ilustração tem a função de reforçar a adesão a uma regra conhecida e aceita, fornecendo casos particulares que esclarecem o enunciado geral, mostram o interesse deste através da variedade das aplicações possíveis, aumentam-lhe a presença na consciência. (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 407)

Ao buscar confirmação da tese do autor, a ilustração também pode se utilizar de casos indiscutíveis para reforçar e esclarecer o argumento (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 411). Levando-se em consideração o prestígio do mundo Antigo na sociedade brasileira do século XIX, é provável que o exemplo de Artemisa configure-se como

¹⁶ Conhecida também como Joanna de Flanders, casou-se com o João de Montfort, tornando-se duquesa da Bretanha. Participou da Guerra da Sucessão Bretã, início da Guerra dos Cem anos. Envolveu-se na defesa dos direitos de seu marido contra a família Blois.

¹⁷ Conhecida também como Joanna de Penthièvre, casou com Charles de Blois. Participou da Guerra da Sucessão Bretã, onde disputou com a família Montfort a sucessão do ducado da Bretanha.

¹⁸ Heroína francesa que participou da Guerra dos Cem anos liderando o exército francês até ser capturada e queimada na fogueira

¹⁹ Nobre castelhana que se casou com o general Juan de Padilha. Liderou a resistência de Toledo contra Carlos I (ou V) após a morte do marido.

²⁰ Nobre francesa que se tornou rainha da Inglaterra. Participou ativamente na Guerra das Rosas contra a casa de York.

uma ilustração indiscutível de heroísmo. Além de ilustrar, a história da princesa que se destacou na batalha de Salamina, seguida por uma frase atribuída a Xerxes onde este teria exclamado “os homens se tinham portado como mulheres e as mulheres como homens!” (LUZ, 1869, p. 9) possivelmente buscava demonstrar a autoridade e erudição de seu autor (seu *ethos*) pelo domínio de clássicos. Negar o exemplo de Artemisa poderia significar desconhecimento dos clássicos por parte de quem refutasse a narrativa.

Tanto Artemisa quando a expressão dita por Xerxes estão presentes na obra *História* de Heródoto. Na obra do historiador grego, Artemisa é descrita como uma princesa que governava Halicarnasso, Cós, Nisiros e Calidnas, tornando-se governante após a morte do marido, sendo seu filho jovem demais para assumir o governo (HERÓDOTO, 2006, p. 551). Artemisa é descrita como “mais digna de admiração quanto, apesar do seu sexo, quis tomar parte na expedição.” (HERÓDOTO, 2006, p. 551). Ainda segundo o historiador grego, a princesa teria se apresentando a Xerxes com seus próprios navios e agindo como conselheira do rei persa: “Veio ao encontro de Xerxes com cinco navios, os mais bem equipados de toda a frota, pelo menos depois dos Sidônios, e, entre os aliados, ninguém deu ao soberano melhores conselhos.” (HERÓDOTO, 2006, p. 551). Orientando inclusive o rei a evitar uma batalha marítima contra os gregos, pois eles eram “tão superiores no mar às tuas tropas [tropas marítimas de Xerxes], quanto os homens o são com relação às mulheres” (HERÓDOTO, 2006, p. 639). Entretanto o rei persa decidiu seguir a vontade da maioria, apesar de considerar a opinião de Artemisa valorosa.

Entretanto, a Batalha de Salamina foi uma derrota persa e para escapar com vida da batalha, Artemisa utilizou-se de um artifício: em meio à confusão que se tornou o campo de batalha durante a luta e vendo que sua retirada estava impedida pelos navios aliados à sua frente, Artemisa atirou seu barco contra o de um aliado, fazendo com que os persas achassem que ela atacava o inimigo grego, e os gregos, vendo que ela atacava um navio das tropas de Xerxes, acreditassem que ela havia se aliado a eles. O plano de Artemisa não foi descoberto e sua estima por parte do rei persa aumentou, fazendo com que Xerxes, segundo Heródoto, falasse a frase também utilizada pelos membros do Parthenon: “Os homens estão-se conduzindo como mulheres, e as mulheres como homens” (HERÓDOTO, 2006, p. 647).

Na narrativa do Parthenon, a história de Artemisa não é narrada como em Heródoto. A Batalha de Salamina é citada, juntamente com a fuga da Artemisa e a fala de Xerxes, mas sem maiores detalhes:

Abri, crucis detractores da mulher, se não quereis profanar com a incredulidade as escripturas santas, abri o livro mestre da historia, onde perscrutais os crimes que lhe imputais e lêde o nome de Artemisa! Vede-a como em Salamina entre os persas que abatidos tomão a fuga, só esta mulher despresa a morte que a rodeia; e qual onça ferida pelas flexas do caçador retira-se sempre ameaçadora ao abrigo de seu antro, ella disputando palmo a palmo os louros da victoria, só recúa ante o impossível, ufaná de sua derrota e fazendo esclamar á Xerxes: - < que os homens se tinham portado como mulheres e as mulheres como homens!> (LUZ, 1869, p.9)

Assim como em Heródoto, Artemisa é exaltada por sua coragem, entretanto, enquanto o historiador grego descreve seu audacioso plano para escapar, Ferreira Luz enaltece sua coragem frente a covardia de seus companheiros na guerra, com quem disputava os louros da vitória. A recepção da figura de Artemisa se dá também não apenas na alteração de enfoque, mas igualmente por ela ser considerada heroína, aos moldes do que o autor concebia enquanto heroísmo feminino. Assim, caracterizar Artemisa enquanto heroína por ter se equiparados aos homens na guerra e por ter lutado com coragem por seu exército já é uma forma de Recepção da Antiguidade, à medida que a Artemisa não é atribuído heroísmo por Heródoto, além dos critérios do heroísmo feminino na Grécia Antiga serem diferentes dos propostos por Ferreira Luz.

Em seu estudo sobre heroicidade feminina na tragédia grega, Thirzá Amaral Berquó analisa como um termo em grego para heroína demorou a surgir, mesmo que mulheres fossem caracterizadas como “excelentes” ou as “melhores” (*áristai*) da mesma forma que os heróis (2015, pág. 15). A concepção de heroísmo grego vinha da glória que caía sobre o herói, sendo seus feitos contados e cantados, lembrados pela eternidade:

O aspecto que define o herói é possuir *kléos* (gloria), tendo histórias contadas e cantadas sobre si. Trata-se de seu objeto de vida, atingindo por meio de grandes feitos, os quais perpetuam a sua memória no tempo, imortalizando-o. Logo, a *kléos* é parte da identidade heroica e, simultaneamente, uma identidade social. (BERQUÓ, 2015, p.13)

A heroicidade e imortalidade do herói seriam marcadas pela “bela morte”, onde no ápice de seus feitos, o herói seria morto, geralmente em batalha (BERQUÓ, 2015, p. 13). Não se esperava que a mulher grega atingisse o heroísmo através da batalha, mas através de feitos incomuns de sua vida, como o relacionamento com algum deus, o parentesco com algum herói, a morte de maneira incomum ou o pioneirismo em alguma área (BERQUÓ, 2018, p. 30). A frase atribuída a Xerxes de que “os homens estão-se conduzindo como mulheres, e as mulheres como homens” (HERÓDOTO, 2006, p. 647) demonstra que o comportamento de

Artemisa não era o esperado de uma mulher. Um trecho do discurso fúnebre de Péricles pode ser esclarecedor do que era esperado de uma mulher pelos gregos:

Se tenho de falar também das virtudes femininas, dirigindo-me às mulheres agora viúvas, resumirei tudo num breve conselho: será grande a vossa glória se vos mantiverdes fiéis à vossa própria natureza, e grande também será a glória daquelas de quem menos se falar, seja pelas virtudes, seja pelos defeitos. (TUCÍDIDES, 2001, p. 114)

Obviamente, o texto demonstra uma das visões masculinas sobre o ideal de mulher que seria a invisibilidade e a discricção, que não se mantinha na prática como Berquó (2018) analisa, mas ilustra a diferença entre os critérios de heroísmo grego e os definidos no texto de 1869. O destaque dado pela historiografia grega a Artemisa passa a ser ressignificado como heroísmo feminino, identificado com o patriotismo das mulheres que, somente em situação em que é necessário defender a pátria, pegam em armas “agindo como homens”.

Entretanto, a exaltação do heroísmo de Artemisa feita pelo autor não significa o reconhecimento de igualdade entre homens e mulheres. Heroísmo e fragilidade estão sempre relacionados ao longo do texto. As tarefas domésticas da mulher não são negadas, sendo a mais valorizada na época a maternidade. O heroísmo surge como um elemento a mais no ideal feminino, aceito em momentos restritos, como já destacamos, em que é necessário defender a pátria. Percebemos esse duplo papel na definição de mulher heroína dada pelo autor e já citada, onde a mulher não contente em agir como educadora e conselheira (papéis atribuídos pela imprensa) pega em armas para lutar contra o inimigo em casos de necessidade:

E todavia a mulher é esse conjuncto de virtudes e maravilhas, que não contente em ser a primeira em guiar os nossos vacillantes passos de infante, em ser a nossa educadora, a nossa conselheira fiel na vida, ainda nos offerece suas delicadas mãos para empunhar a lança contra o inimigo em favor de sua cara patria ! Então é ella a mulher heroína ! (LUZ, 1869, p.10)

Na obra de Heródoto, é descrito que Artemisa juntou-se voluntariamente ao exército persa, e lutou bravamente (HERÓDOTO, 2006, p. 551), um paralelo pode ser feito entre ela e as voluntárias, como Jovita, na Guerra do Paraguai, que deixaram o âmbito a elas compreendido, o doméstico, para aventurar-se em um espaço predominantemente masculino. Mesmo a Artemisa de Heródoto reconhece sua condição de inferior em relação ao homem na batalha em sua fala dirigida a Xerxes, onde afirma que os gregos seriam tão superiores no mar aos persas quanto são os homens às mulheres (HERÓDOTO, 2006, p. 639). A máxima de

Xerxes, repetida duas vezes no texto, também cumpre seu papel, à medida que o comportamento heroico de Artemisa foi considerado como masculino, enquanto a atitude dos soldados que recuaram como feminino. Se pensarmos no uso das imagens criadas sobre as voluntárias da Guerra do Paraguai, como incentivo ao alistamento masculino (PALLANO, SOUZA e MARIN, 2016, p. 5), o comportamento guerreiro continua sendo visto como algo do universo masculino, que seria permitido entre as mulheres somente quando homens agissem como mulheres e as mulheres como homens, ou seja, quando os homens não fossem capazes de arcar com as responsabilidades a eles atribuídas, em nome da defesa da pátria. O heroísmo feminino visto como necessário em momentos em que os heróis estão ausentes é uma característica das heroínas ocidentais, como destaca Rabenhorst (2013, pág. 92):

A despeito da extensa galeria de heroínas da cultura ocidental, essas mulheres não se constituem como um *alter ego* do herói masculino. Na verdade, elas são representadas, por assim dizer, muito mais de modo despersonalizado, assumindo um papel alheio por substituição. Daí que as heroínas são em geral ocasionais, atuando em momentos particulares, quando os homens fracassaram ou estão ausentes.

Além disso, pelo exemplo de Artemisa permite-se que se atribua heroicidade a Jovita, pois ambas são resignificadas como exemplos heroicos, onde a mulher, por motivos patrióticos e pela ausência de heróis, assume papéis que não são a elas atribuídos. Podemos dizer que a aproximação entre Artemisa e Jovita está no fato que ambas deslocaram-se em momentos específicos, para o espaço masculino, já que, como destaca Rabenhorst (2013, p. 87), o heroísmo é a própria exaltação de virtudes tidas como masculinas como força e invencibilidade, ou astúcia e sabedoria, percebidas nos heróis de Homero como Aquiles ou Ulisses. Dessa forma, as façanhas e coragem de Artemisa destacadas pelos Antigos, no caso Heródoto, passam a ser significadas como exemplo de heroísmo feminino e instrumentalizadas para conferir heroicidade a Jovita pelos modernos, já que sendo heroica Artemisa ao deixar o espaço feminino para lutar por seu exército, demonstrando mais bravura que os homens, porque não seria heroica também Jovita, que se vestiu de homem para lutar por sua terra, demonstrando da mesma forma que Artemisa, mais coragem que os homens? Entretanto, existe um ponto de divergência entre Artemisa e Jovita. Enquanto a princesa que lutou ao lado do exército persa foi efetivamente para a batalha, destacando-se por sua habilidade e astúcia, a voluntária cearense foi impedida a de pegar em armas. Como

compreender o heroísmo de Jovita, que apesar de vestir-se de homem foi impedida de deixar o âmbito feminino?

2.3 Sabinas, Clélia e Vetúria: o heroísmo que não derrama sangue

Como destacamos anteriormente, a comparação feita entre Artemisa e Jovita tem por objetivo conferir heroicidade a última, utilizando-se da autoridade atribuída ao passado e de outras heroínas do panteão ocidental. Além disso, tanto Artemisa quanto Jovita têm a sua heroicidade pelo desejo, enquanto mulheres, de lutarem por seus exércitos ou pátria, deslocando-se do âmbito a elas atribuído. Contudo, enquanto Artemisa pegou efetivamente em armas para lutar por seu exército, sendo mais heroica que os homens, Jovita foi impedida de ir como soldado. A comparação entre as duas, portanto, tem um limite. Além disso, Jovita, como analisou Carvalho (2019), prostituiu-se e deu fim a sua vida através suicídio, ambos comportamentos extremamente mal vistos na época, e que poderiam desqualificá-la como heroína. Então Ferreira Luz apresenta outro modelo de heroísmo, seguido de exemplos que, da mesma forma que Artemisa, buscam ilustrar e corroborar seu argumento conferindo assim também heroicidade a voluntária da Guerra da Paraguai:

Não forão sómente aquelles cujos altos feitos se exercerão em derramar o sangue de seus semelhantes, os que merecerão a honra d'este nome.
Heroicas forão a Sabinas arremeçando-se no furor da lucta entre os combatentes seus pais e seus esposos, pedindo-lhes, porém, termo a tantos horrores.
Fui heroica Clelia atravessando a nado o Tibre á frente das virgens romanas, por entre as guardas dos inimigos.
Heroína foi Vetúria affrontando a tempera inflexivel de seu filho, para fazel-o desistir do espectáculo das ruínas do seu paiz. (LUZ, 1869, p.11)

No trecho citado acima, algumas mulheres romanas são citadas: as Sabinas, Vetúria (ou em alguns autores Volúmnia) e Clélia. Todas estão presentes na tradição historiográfica da Antiguidade, em autores como Plutarco e Tito Lívio.

As Sabinas²¹ estão diretamente vinculadas ao mito da fundação de Roma, sendo narrado tanto por Plutarco, na obra *Vidas Paralelas*, mais especificamente na biografia de Rômulo, e por Tito Lívio na obra *História de Roma*, no livro um. Em ambos os autores, o rapto das Sabinas, filha dos Sabinos, ocorre, pois Rômulo percebe que praticamente não havia mulheres na nova cidade, assim é feita uma festa onde as Sabinas são sequestradas e divididas

²¹ Encontramos referências às Sabinas também na obra de Calderón *Las armas de la hermosura*.

entre os romanos para se tornarem esposas. Plutarco (2010, p.136) ressalta que Rômulo acreditava que o rapto das filhas dos Sabinos facilitaria a união dos dois povos, enquanto Lívio (1989, p. 32) destaca o caráter vingativo da ação já que os Sabinos haviam negado o pedido de casamento com suas filhas feito pelos romanos. Após o sequestro feito durante a festa (PLUTARCO, 2010 e LÍVIO, 1989) seguiram-se conflitos entre os dois povos, que tiveram seu fim após a intervenção das mulheres que suplicaram pelo fim do combate:

Foi então que as sabinas, cujo o ultraje fora o motivo da guerra, com os cabelos soltos e vestes rasgadas, vencendo na desgraça a timidez natural do sexo, ousaram lançar-se em meio a uma saravada de dardos e interpor-se entre os combatentes, para fazer cessar as hostilidades e o ódio. Suplicavam oras aos pais, ora aos maridos, que não cometessem um crime abominável cobrindo-se com o sangue de um sogro ou de um genro; que não manchasse com aquele delito as crianças que elas haviam posto no mundo, seus descendentes, netos de uns, filhos de outros [...] (LÍVIO, 1989, p.37).

A história de Clélia é contada por Plutarco no tratado *As virtudes das mulheres*²², tendo sua história narrada também por outros poetas latinos com um dos símbolos da resistência romana a Pórsina e Tarquínio (SILVEIRA, 2006, p.106). Assim, como as outras mulheres já citadas, sua heroicidade, para o Parthenon, está vinculada ao patriotismo, como já foi dito, a esfera a onde o heroísmo feminino era aceito. Segundo Plutarco, Clélia estava entre as crianças que foram entregues a Pórsina durante a guerra entre este e Roma (PLUTARCO, 2006 apud SILVEIRA, 2006, p.59). Durante a ida das jovens ao rio, Clélia passou despercebida entre os guardas do inimigo (LIVIO, 1989, p.124) incentivando as outras a irem até a outra margem a nado causando espanto a Pórsina por sua coragem. (PLUTARCO, 2006 apud SILVEIRA, 2006, p.59). Segundo Lívio (1989, p.124), após retornar a Roma, Clélia foi levada novamente a Pórsina que lhe garantiu proteção e permitiu que escolhessem os reféns que permaneceriam com ela.

Outro exemplo de heroicidade feminina que não pega em armas é o de Vetúria²³ ou, como chamada por Plutarco, Volúmnia, mãe de Coriolano. A personagem é mencionada em Plutarco, na biografia de Coriolano, uma das partes de *Vidas Paralelas*. Após ser expulso da cidade, Coriolano retorna a Roma com um exército para destruir a cidade, contudo, é impedido pelas súplicas da mãe. A personagem também é mencionada por Tito Lívio (1989,

²² A edição consultada foi a dissertação de Mariana Duarte Silveira *A imagem feminina na Moralia: heroísmo e outras virtudes*, onde a autora traduziu entre outros tratados *A virtude das mulheres*.

²³ Encontramos referências a Vetúria também na tragédia de Shakespeare Coriolano e na obra de Calderón *Las armas de la hermosura*.

pag 160 - 161) em sua *Historia de Roma*, pelo nome de Veturia, que junto a outras matronas romanas convenceu o filho a desistir da destruição de Roma.

Ferreira Luz atribui heroicidade a Sabinas justamente por terem interferido na luta entre romanos e sabinos logo, seus pais e esposos. Da mesma forma que Artemisa e Jovita, a heroicidade atribuída pelo autor às Sabinas está vinculada a uma atitude patriótica, ou seja, o fim da guerra tanto entre povos dos quais faziam parte, romanos e sabinos, quanto entre pais e seus maridos. Diferente de Artemisa, não pegaram em armas ou derramaram sangue inimigo, mas agiram através da reconciliação abrandando a ira dos homens. Clélia e Veturia tem sua heroicidade na mesma lógica, Clélia já era vista pela tradição latina como exemplo de resistência romana como já comentamos, e Veturia impediu a destruição de Roma planejada por seu filho, sem precisar derramar sangue. Entretanto, as Sabinas e Veturia tem um elemento a mais em sua heroicidade.

Como já comentamos, o lugar da mulher heroína encontrava-se abaixo da mulher mãe e da mulher esposa no argumento de Ferreira Luz (1869, p. 8). Logo podemos pensar as Sabinas e Veturia como além de mulheres heroínas, mulheres mães e mulheres esposas, característica que é mencionada por Ferreira Luz já que “Heroicas forão a Sabinas arremeçando-se no furor da lucta entre os combatentes seus pais e seus esposos, pedindo-lhes, porém, termo a tantos horrores” e “Heroína foi Veturia affrontando a tempera inflexivel de seu filho, para fazel-o desistir do espectaculo das ruínas do seu paiz” (LUZ, 1869, p.11). O matrimônio e a maternidade, além do patriotismo, são fatores que atribuem heroicidade as Sabinas e Veturia, por serem vistos como intrínsecos ao sexo feminino e por fazerem parte do discurso de ideal de feminilidade pregado pela imprensa da época. Veturia voltaria a ser mencionada nas páginas do Parthenon, não como heroína, mas como modelo de mãe e exemplo de ação materna sobre homem.

Na edição de julho de 1869 da Revista do Parthenon Literário, foi publicado um artigo intitulado: *Parecer sobre a these seguinte: A influencia da mulher sobre a civilisação, desde os primeiros seculos até os nossos dias, tem sido benefica ou perniciosa?*. Assinado por Nicolau Vicente, sobre quem sabemos pouquíssimo, já que os levantamentos feitos por Martins e Villas-Boas (1976) e Silveira (2008) não mencionam nada sobre ele. O artigo discute sobre o papel da mulher ao longo da história, referenciando personalidades da Antiguidade Clássica e da modernidade, e trazendo ao final, uma das bandeiras do Parthenon que era a educação feminina.

A questão da educação feminina e de um modelo de mulher a ser definido era frequente na imprensa do período e demonstra as transformações ocorridas na sociedade que levaram a mudanças no ideal de família e mulher. No meio do processo de urbanização e europeização que o Império Brasileiro viveu, principalmente durante a segunda metade do século XIX, a família e o modelo feminino também modificaram seu imaginário, devendo também servir ao progresso e a civilização que as elites intelectuais que o país e a província almejavam. As novas formas de relação que são instituídas ao longo do século vão dar origem a uma nova forma de conceber a família, agora vista como a família burguesa, representada nas páginas da revista e nos projetos do Parthenon.

A mudança nas relações rurais e senhoriais para relações burguesas está vinculada ao processo de modernização iniciado com a vinda da corte, mas que se acelera no final do XIX com a república (D'INCAO, 2008, p. 223). As reformas urbanas que buscaram modernizar grandes cidades, como o Rio de Janeiro, alteraram a relação com o espaço, separando o público do privado, criando regras sobre o uso da rua (vista como espaço público), proibindo manifestações populares tidas como “bárbaras”, civilizando o espaço aos moldes europeus. Nessa relação com o espaço, a casa torna-se o espaço do privado e do sentimento, passando-se a valorizar a intimidade, que deveria ser aberta apenas em ocasiões específicas, onde o público e privado se encontram, como saraus e bailes.

Nessa nova relação em que a intimidade e a maternidade passam a ser valorizadas juntamente ao espaço doméstico que caracteriza a mentalidade burguesa, o espaço da mulher passa a ser predominantemente o lar. É na intimidade do lar que a mulher mãe deveria educar seus filhos, ser rigorosamente instruída e educada, já que da sua educação dependeria o respeito da família, a possibilidade de alianças por casamentos e a boa educação dos filhos (D'INCAO, 2008, p. 223). A presença da mulher no espaço privado e sua boa educação em eventos públicos passaram a ser sinônimo de distinção entre as classes abastadas e populares (PEDRO, 2008, p. 283), sendo nos espaços públicos, como saraus e salões de baile, onde a mulher estaria sendo avaliada tanto pela família quando por membros da elite:

Nesses lugares, a ideia de intimidade se ampliava e a família, em especial a mulher, submetia-se à avaliação e opinião dos “outros”. A mulher de elite passou a marcar a presença em cafés, bailes, teatros e certos acontecimentos da vida social. Se agora era mais livre - “a convivência social dá maior liberdade às emoções” -, não só o marido ou o pai vigiavam seus passos, sua conduta era também submetida aos olhares atentos da sociedade. Essas mulheres tiveram de aprender a comportar-se em público a conviver de maneira educada. (D'INCAO, 2008, p. 228)

A busca pela distinção entre “mulheres de boas famílias” e “mulheres do povo” fizera-se presença também no Sul, onde, devido às guerras e predomínio da população branca com as imigrações, mulheres brancas e pobres ocupavam espaços que em outras províncias eram reservados às africanas escravizadas. A imprensa a partir de então, toma para si o papel de definir como essas mulheres deveriam ser vistas e ouvidas, que comportamentos deveriam ser adotados seja através de romances, estudos como o publicado no Parthenon, ou editoriais. A atenção dada pela imprensa ao papel feminino também pode ser compreendido à medida que as mulheres formavam parte do público leitor da época já que o tempo de “ócio” das mulheres da elites, que na idealização da imprensa não deveria exercer trabalhos além dos domésticos, possibilitava a leitura de jornais e romances (D’INCAO, 2008, p. 229). Os saraus e eventos sociais tornaram-se lugares de leitura para o público feminino, com declamações de poesia, onde a imagem pública do homem e da família se mostrava pelas mulheres.

No Parthenon, assim como em outros jornais, o positivismo influenciou a formação do ideal de mulher a ser pregado, vista como a metade que deveria complementar o homem, a mãe zelosa e amorosa que deveria dedicar-se à educação dos filhos. Estudos de Joana Maria Pedro (2008, p. 282) revelam que “nas imagens dos jornais das cidades do Sul, e provavelmente em outras cidades do restante do país, as mães seriam responsáveis pelo progresso e a civilização, pois eram consideradas criadoras e educadoras das novas gerações.” O texto assinado por Nicolau Vicente inicia já trazendo concepções vindas do positivismo, como a crença de que a mulher deveria complementar o homem, agindo como regeneradora, “civilizando” o homem em seu egoísmo e lhe abrandando os costumes, tornando-o o ideal de homem culto de costumes brandos:

Quando Deus formou a mulher, essa mais sublime metade do genero humano, destinando-a para companheira e conselheira do homem dotou-a de pureza, honestidade e bondade, para com doçura de seus costumes, não só influenciar nas açções dos homens, modificando-lhes as iras como para illuminar-lher a rudeza do espirito com exemplos de piedade e brandura. (VICENTE, 1869, p.23)

É pela característica de educadora da mulher mãe que se baseia o argumento do autor, de que a mulher contribui para desenvolvimento da civilização, devendo por isso receber as glórias pela contribuição que maternidade traz ao progresso. A relação entre maternidade e progresso feita pela imprensa refere-se à concepção vinda do positivismo de que a mulher seria responsável pela educação dos filhos, futuros cidadãos da pátria. As mulheres deveriam também agir ativamente sobre estes e o marido, garantindo não só a

tranquilidade do lar, mas sendo aperfeiçoadoras da espécie humana, a partir de seu núcleo familiar (PEDRO, 2008, p. 299). No Parthenon encontramos esta concepção de papel feminino, onde a ação da mãe desenvolveria no filho a virtude e a moral, necessária para os que os cidadãos seguissem no estudo das ciências:

Antes do homem atirar-se ao conhecimento das sciencias, é mister desenvolver se-lhe a alma que, inda que pela lei de sua propria natureza esteja obrigado a abraçar o bem repellindo o mal, é de absoluta necessidade exercital-o na pratica das virtudes. E' essa a missão sublimne que Deus julgou por bem confiar á mulher sobre a terra. A mulher mãe ! O que ha por ahi mais elevado, mais magestoso, que essa creatura sublime, em cujos olhares angelicos a criança aprende a soletrar essa palavra divina, que resume em si todas as sciencias do Universo, a palavra - Deus ?! (Vicente, 1869, p.24)

No trecho percebemos também que além da tarefa de que educar os filhos para as ciências, a mulher era responsável pela educação religiosa²⁴. A maternidade era vista não apenas como necessária ao progresso da Nação, mas como uma missão divina. Ao argumentar sobre a importância da maternidade, o autor se utiliza, entre outros exemplos, como Kant²⁵, Cuvier²⁶, Sheridan²⁷ e uma escritora chinesa chamada Pan-Hoci-Pan²⁸, de Vetúria e Cornélia, mencionada apenas como mãe dos Gracos. Como argumentamos ao longo deste trabalho, as referências à Antiguidade e autores conceituados como Kant, tem uso retórico à medida que buscam demonstrar autoridade do orador.

No texto de Vicente, Vetúria surge novamente devido ao relato dos Antigos de ter evitado a destruição de Roma por seu filho. Enquanto no texto de Ferreira Luz, tal fato é lido como heroísmo, em Vicente é narrado como exemplo da ação civilizadora da mulher, que aplaca a ira dos homens. Junto a ela Cornélia é mencionada rapidamente:

Se lançarmos um rapido olhar sobre a historia romana, alli encontraremos à mulher em sua dignidade, exercendo uma influencia benefica na educação d'esse grande povo. A mãe dos Gracchos póde servir de modelo a todas as mulheres que se votão a educação de seus filhos.

Ha na história d'esse povo um grande acontecimento que deve ser commentado como um triumpho de humanidade. Roma está perdida ! Coriolano a fecha n'um circulo de ferro : o espirito indomavel d'esse implacavel guerreiro, o seu coração empedernido que o senado e os sacerdotes não poderão embrandecer, commoverão-n'ò as lagrimas de mãe ! A illustre Vetúria salva Roma, perdendo seu filho para

²⁴ Destaco que a educação religiosa defendida pelo autor era a de matriz cristã.

²⁵ Importante filósofo iluminista.

²⁶ Importante naturalista francês que desenvolveu a Anatomia Comparada

²⁷ Não foi possível localizar de quem se trata.

²⁸ Possivelmente refere-se a Ban Zhao, historiadora, filósofa e poetisa chinesa autora de Lições para Mulheres, um livro de conduta feminina, entre outras obras.

sempre. (VICENTE, 1869, p. 24)

No trecho citado acima, Vetúria e Cornélia surgem como argumentos para comprovar a tese do autor. Enquanto Cornélia age como modelo, Vetúria age como comprovação da tese como o autor mesmo afirma: “este facto prova até á evidencia, o poder, a influencia, que a mulher exerce no animo do filho” (VICENTE, 1869, p. 24). O destaque dado a Cornélia como educadora pode ser encontrado nos textos dos Antigos como em Plutarco. Segundo o biógrafo em *Vidas Paralelas*, Cornélia assumiu os cuidados com a família após a morte do marido, recusando o pedido de casamento do rei Ptolomeu. Ela teria educado tão bem Tibério e Caio Graco que “se tornaram mais honestos e ilustres que qualquer outro romano do seu tempo; julgou-se até que a educação valia mais que a natureza [...]”²⁹. A educação de Cornélia, mencionada por autores clássicos como Plutarco, é ressignificada por Vicente como modelo e exemplo da importância da educação dada pela mãe aos filhos, uma das defesas do positivismo, que utiliza-se das narrativas de Vetúria e Cornélia para defender a educação feminina, uma das reivindicações do Parthenon:

Este facto prova até á evidencia, o poder, a influencia, que a mulher exerce no animo do filho.

Se os governos em suas reformas politicas tivessem em consideração a educação da mulher, ella pela seducção e docilidade de que é dotada, pelo santo sacerdocio a que está destinada, seria um instrumento activo no progresso da civilisação. (VICENTE, 1869, p. 24)

Portanto, Vetúria além de conferir heroicidade a Jovita, juntamente as Sabinas e Clélia, pois comprovam o argumento do heroísmo sem a necessidade de derramar sangue, também é ressignificada, juntamente a Cornélia, como modelo e exemplo da importância da educação e ação feminina dentro no âmbito familiar, corroborando o argumento dos membros do Parthenon da necessidade de pensar a educação feminina.

2.3 Lucrecia: heroísmo e martírio

As mulheres da Antiguidade Clássica citadas por Ferreira Luz buscavam atribuir heroicidade a Jovita. Enquanto Artemisa e Jovita eram aproximadas pelo desejo de pegar em

²⁹ PLUTARCO, *Vidas Paralelas: Tibério e Caio Graco*. Disponível em: <<http://www.consciencia.org/os-gracos-biografia-tiberio-graco-e-caio-graco-por-plutarco#ii.xito-da-educacao-que-lhes-d-sua-me>> Acesso em 25 de dezembro de 2019.

armas, adentrando espaços masculinos, as Sabinas, Veturia e Clélia, era aproximadas da voluntária por, apesar de suas ações vistas como patrióticas, não terem derramado sangue, mesmo que tivesse participado, no caso das Sabinas, nos combates. Entretanto, existia uma esfera da vida de Jovita que poderia inviabilizar sua heroicidade: a prostituição e o suicídio.

A prostituição era o contrário da ideia de mulher virtuosa difundida pela imprensa, fosse ela uma mulher heroína ou mulher mãe. Como destaca Careli (1997, p. 31), a mulher virtuosa era caracterizada pelo recato, pudor, honra, prudência, castidade e fidelidade, enquanto que a prostituição era vista como um chaga social, sendo frequentemente comentada pelos periódicos que buscavam explicar que motivos levariam uma mulher virtuosa a tornar-se prostituta. Alguns periódicos agiam no sentido de vitimização da prostituta, enquanto outros exigiam maior controle social (CARELI, 1997, p. 244). No Parthenon, a prostituição de Jovita é justificada pela negação de seguir como soldado para o Paraguai:

Eil-a curvando a fronte perante juízes incapazes de compreender sua virtude, sendo seus mais indifferentes gestos e palavras interpretadas contra ella; e ouvindo a sentença que lhe lava a infâmio. tolher seus mais ativos vãos para a gloria.
 Jovita era mulher, e a mulher conscia de sua fraqueza, quando ferida em seu amor proprio - succumbe na lucta, é capaz das mais nobres acções; mas tambem como o homem dos maiores excessos.
 Jovila pois entregou-se à prostituição !
 Seu peito de virgem não podia conter a violencia de sua dôr e apagar n'elle as chammas desse amor patrio que a devorava; era preciso corromper o corpo para aniquilar a alma e ella era a mulher despeitada ! (LUZ, 1869, p. 10)

Além da prostituição ser justificada como consequência da impossibilidade de Jovita de seguir seus desejos patrióticos, ela também é vista como forma de destruição para o próprio corpo:

Jovita procurava apagar nos prazeres sensuaes, os fundos sulcos que os sofrimentos de sua patria e sua dedicação repellida, havião cavado em seu coração.
 O corpo o corpo corrupto não conseguiu, porém; por muito tempo supplantar a grandeza de sua alma ainda havia a hi um logar para o amor e ella encontrou um amante.
 Este homem, porém, não soube mostrar-se digno de sua paixão, e depois de alguns mezes abandona de novo á perdição, aquella peccadora constricta. (LUZ, 1869, p. 10-11)

No trecho citado acima, além do discurso da prostituição como destruição do próprio corpo, fruto direto de seu patriotismo negado, o amor (logo a maternidade e o matrimônio) surgem como soluções capazes de “salvação” para Jovita, que ainda não teria destruído sua virtude. O abandono pelo seu amante, que sabemos ser o inglês Guilherme Noot, surge para

justificar seu suicídio, a moda das heroínas do romantismo que se matam ao serem rejeitadas. Entretanto, ainda permanece a questão de como justificar o heroísmo de Jovita. Mesmo que Vetúria e Clélia tenham sido citadas após a narrativa do suicídio de Jovita, sua heroicidade está relacionada a não pegar em armas e derramar sangue inimigo, sem fazer menção a suicídio. Para resolver a questão o autor utiliza-se de outra mulher romana para atribuir heroicidade a Jovita, pois ambas se suicidaram como forma de, na visão de autor, dar fim a desonra de seu corpo:

Jovita como estas não tira a vida a um inimigo de sua patria; - mas dá a morte a seu proprio corpo, torpe inimigo de sua alma grande, alcançando mais insigne victoria sobre si mesmo. Lucrecia perdida a pudicia tem ainda a bem triste e indecorosa coragem de chamar seu marido á sua presença, para ouvir de seus proprios labios a deshonra de sua familia, antes de reivindicar-a com o punhal que embebe em seu seio ! (LUZ, 1869, p. 11)

Como citado a cima, para resolver a questão do suicídio e da prostituição de Jovita, Ferreira Luz a contrapõe a Lucrecia³⁰, personagem da história romana narrada por Plutarco em *As Virtudes das Mulheres* e por Tito Lívio em *História de Roma*. Lucrecia era esposa de Tarquínio Colatino e, segundo Lívio (1989, p. 97), durante uma festa com seus companheiros, Colatino sugeriu que fossem observar suas mulheres para descobrir qual seria mais virtuosa alegando que sua esposa Lucrecia seria a vencedora. O fato se comprovou, pois, enquanto Lucrecia encontrava-se em casa fiando com suas servas, as outras mulheres estavam em festas e banquetes (LÍVIO, 1989, p. 98). Entretanto Tarquínio, o Soberbo passou a desejá-la depois daquilo. Na outra noite, Tarquínio vai até a casa de Colatino e estupra Lucrecia com a ameaça de forjar com sua morte desonra. Após o ocorrido, Lucrecia chama seu pai e seu marido conta-lhes o ocorrido, apunhalando o peito em seguida (LÍVIO, 1989, p. 99). O suicídio de Lucrecia é apontado tanto por Plutarco quanto por Lívio como o “estopim” que levou à queda da realeza, a expulsão de Tarquínio e sua família e a República Romana (PLUTARCO, 2006 apud SILVEIRA, 2006, p. 58).

Assim, como as outras mulheres citadas, o suicídio de Lucrecia confere heroicidade a Jovita, aproximando as duas personagens, pois na visão do autor, ambas buscaram na morte do corpo, dar fim a corrupção que destruía a sua virtude. A autoridade dos Antigos, no caso de Lucrecia, resolve a questão da heroicidade de Jovita, já que se Lucrecia era heroica por

³⁰ Encontramos referências a Lucrecia também em Shakespeare no poema *The Rape of Lucretia*

preferir à morte a desonra, Jovita que triunfou sobre si mesma ao fazer o mesmo que a personagem deveria ser tão heroica quanto.

CONCLUSÃO

Ao fim deste trabalho restam alguns últimos comentários. Quando escolhi o título deste trabalho, uma frase de Ferreira Luz onde ele afirma: “Jovita é a mais nobre, senão a mais heroica” (LUZ, 1869, p. 11) pensei afinal por que Jovita seria a mais heroica? Possivelmente por ser comparada a todas as outras heroínas da Antiguidade, como Artemisa, Vetúria, as Sabinas, Clélia, Lucrecia além das mulheres que não nos aprofundamos como Joana d’Arc e Maria Pacheco. Além de reunir características que atribuíram heroicidade a outras mulheres, também venceu a si mesma, primeiro destruindo seu corpo pela prostituição e por fim cometendo suicídio para salvar sua virtude, a boa moda do romantismo, sendo a mais virtuosa de todas. Não podemos desconsiderar também, em um período em que a elite intelectual buscava criar sua história e identidade própria, que a superioridade de Jovita pode vir do fato de ela ser uma heroína nacional, mostrando que não apenas gregos e romanos tem seus heróis.

Gostaria também de justificar a as ressalvas feitas inicialmente. Estudos na área de Recepção da Antiguidade são consideravelmente complexos, como toda a pesquisa é, devido principalmente à quantidade de caminhos que podem ser trilhados. O que analisamos é uma pequena parte, uma primeira tentativa de pensar a antiguidade na imprensa literária do Rio Grande do Sul, principalmente em um periódico de grande impacto em sua época como o Parthenon que não teve a questão da antiguidade privilegiada nos estudos já feitos. O que buscamos é abrir uma “pequena porta” nesse grande labirinto de possibilidades.

O que foi analisado, a heroicidade feminina e o uso da antiguidade, referem-se a dois artigos publicados no primeiro ano do periódico, que circulou por quase dez anos, portanto muito resta ainda a ser estudado dentro dos próprios textos escolhidos, já que muitos elementos não puderam ser analisados devido às características de um trabalho de conclusão de curso, como um primeiro trabalho de pesquisa e limitado tanto em tempo de produção quanto em páginas. Além disso, não estramos também na questão na questão da Antiguidade Oriental e Africana, além de todas as referências bíblicas. Esperamos assim, que outros pesquisadores desejem se aventurar nos estudos de História da Recepção da Antiguidade, pois as possibilidades dentro deste labirinto de referências são muitas.

Deve confessar também motivações pessoais que me levaram a estudar a Recepção da Antiguidade, que dizem respeito ao prestígio da História Antiga nos departamentos de história fato que foi inclusive discutidos por Julio Gralha (2017, p. 300):

Uma outra crítica que se pode “ouvir” em certos momentos - pois dificilmente são descritas - leva em conta que a História Antiga, e mesmo a História Medieval, “não são importantes” e por essa visão, seriam dispensáveis ou quando são vistas com importância sua relevância parece ser minimizada nas Ciências Humanas e nas cruciais situações da Contemporaneidade.

Como o autor coloca, a Antiguidade vem sendo considerada como “sem utilidade” e “sem motivo para ser ensinada”. Um dos motivos seria por seu teor academicista e eurocêntrico, que já foi historiograficamente revisto e criticado. Outros consideram a antiguidade extremamente distante da realidade brasileira, portanto, não teria utilidade prática como objeto de estudo. Os estudos de Recepção da Antiguidade, entretanto, demonstram que a antiguidade foi, por muito tempo, um ideal “civilizador” a ser seguido pela elite e peso de autoridade na disputa política, possibilitando estabelecer uma “ponte” entre a Antiguidade e a história brasileira.

Atualmente, a Antiguidade Clássica não está mais presente na formação das elites, no argumento político dos periódicos, ou pelo ensino de retórica, estudada apenas em áreas específicas, entretanto ainda a encontramos de outras formas, bem diferenciadas inclusive. Aqueles inseridos na cultura *gamer* provavelmente conhecem franquias como *God of War* e *Assassin's Creed*, ambas trazem a cultura da Antiguidade em seus jogos. Em *God of War*, a Antiguidade clássica permeia toda a narrativa do jogo a começar por seu protagonista. No cinema e na literatura podemos citar as séries de livros de Rick Riordan, como *Percy Jackson e os Olimpianos* e *Heróis do Olimpo*, além de filmes como *300* e *Spartacus*. A Antiguidade pode ser encontrada nessas narrativas, ressignificada e relida de formas que podem causar estranhamento ao historiador tanto quanto as citações em jornais do XIX. São esferas da cultura onde a Recepção da Antiguidade ocorre e ainda não foram completamente estudadas, tornando o campo de estudos muito promissor para o futuro.

BIBLIOGRAFIA

Fontes de pesquisa:

Revista do Parthenon Litterario. Porto Alegre. 1869. Disponível online em: <<http://editora.pucrs.br/acessolivre/livros/partenon-literario/index.html#texto2>> Acesso em 26 de dezembro de 2016

Fontes antigas:

HERÓDOTO. *Histórias*. Disponível em:

<<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/historiaherodoto.pdf>> Acesso em 26 de dezembro de 2019.

LAERCIO, Diógenes. *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*. 2. Ed. Brasília: UnB, 1977.

LÍVIO, Tito. *História de Roma*. São Paulo: Editora Paumape, 1989.

PLINY, *The Natural History*. Disponível em

<<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.02.0137:book=35:chapter=36&highlight=sutor%2Cne>> Acesso em 1 de dezembro de 2019.

PLUTARCO. *Vidas Paralelas: Alcibíades e Coriolano*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2010.

_____. *Vidas Paralelas: Teseu e Rômulo*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2008.

_____. *Vidas Paralela: Tibério e Caio Graco*. Disponível em:

<<http://www.consciencia.org/os-gracos-biografia-tiberio-graco-e-caio-graco-por-plutarco#ii.xito-da-educacao-que-lhes-d-sua-me>> Acesso em 26 de dezembro de 2019.

TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Rafael Santos de. *Sejamos gregos na glória / e na virtude, romanos: os usos da Antiguidade clássica na imprensa periódica sul-rio-grandense no discurso de construção da Nação em o Correio da Liberdade e O Noticiador (1831 - 1835)*. 2014. 127 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

ALVES, Francisco das Neves. Periodismo Gaúcho no século XIX: breves impressões históricas. *Biblos*, Rio Grande, v. 2, n. 23, p.137-166. 2009.

BAKOIANNI, Anastasia. What is so 'classical' about Classical Reception?: Theories, Methodologies and Future Prospects. *Codex: Revista de Estudos Clássicos*, Rio de Janeiro, v.4, n. 1, p.96-113, 2016.

BELLEBONI-RODRIGUES, Renata Cardoso. A Antiguidade: seus usos, suas apropriações. In: SILVA, Glaydson José da et al (Org.). *Antiguidade como presença: Antigos, Modernos e os usos do Passado*. Curitiba: Editora Prisma, 2017. p. 211-223.

BERQUÓ, Thirzá Amaral. *Mulheres Indômitas: as heroínas da tragédia grega*. 2015. 66 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

_____. *A iconologia de Atalanta: heroísmo e gênero na cerâmica ática (séculos VI-IV A.E.C.)*. 2018. 381 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

BOEIRA, Luciana Fernandes. *Entre história e literatura: formação do panteão rio-grandense e os primórdios da escrita da história do Rio Grande do Sul no século XIX*. 2009. 196 f.

Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

CANO, Jefferson. *O fardo dos homens de letras: o "orbe literário" e a construção do império brasileiro*. 2001. 412 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

CARELI, Sandra da Silva. *Texto e Contexto: virtude e comportamento sexual adequado às mulheres na visão da imprensa Porto-Alegrense da segunda metade do século XIX*. 1997. 303 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

CARVALHO, José Murilo de. História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p.123-152, Jan./Dez. 2000.

_____. *Jovita Alves Feitosa: Voluntária da pátria, Voluntária da morte*. São Paulo: Chão Editora, 2019.

CESAR, Guilhermino. *História da Literatura do Rio Grande do Sul*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1971.

CHEVITARESE, André Leonardo; SOUZA, Rogério José de. Percepções Étnicas e a Construção do Passado Brasileiro. In.: CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabriele; SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (Org.) *A Tradição Clássica e o Brasil*. Brasília: Fortium, 2008. p. 103-115.

DILLENBURG, Sérgio Roberto. *A imprensa em Porto Alegre de 1845 a 1870*. Porto Alegre: Sulina, 1987.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, Mary del (Org.); BASSANEZI, Carla (Coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 223-240.

FERREIRA, Tania Maria Tavares Bessone da Cruz. Os livros na imprensa: as resenhas e a divulgação do conhecimento no Brasil na segunda metade do século XIX. In: CARVALHO, José Murilo de (Org.). *Nação e cidadania no Império: novos horizontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 185-204.

FUNARI, Pedro Paulo A.. Brasileiros e romanos: colonialismo, identidades e o papel da cultura material. In: CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabriele; SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (Org.) *A Tradição Clássica e o Brasil*. Brasília: Fortium, 2008. p. 185-192.

GRALHA, Julio. Antiguidade na Moderna: os usos do passado como possível abordagem explicativa. In: SILVA, Glaydson José da et al. *Antiguidade como Presença: Antigos, Modernos e os usos do Passado*. Curitiba: Editora Prismas, 2017. p. 297-308.

HARTOG, François. *Os Antigos, o Passado e o Presente*. Brasília: Editora Unb, 2003.

HESSEL, Lothar F. et al. *O Partenon Literário e sua obra*. Porto Alegre: Flama, 1976.

HOHLFELDT, Antonio. A imprensa sul-rio-grandense entre 1870 e 1930. *E-Compós*, v.7, 2006.

HORNBLOWER, Simon. *Diccionario del mundo antigo*. Barcelona: Crítica, 2002.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.

KUNST, Rafael Vicente. *Os usos da Antiguidade Clássica na elaboração dos conceitos de barbárie e civilização na obra Os Sertões*. 2012. 117 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em tempos de império. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *História da Imprensa no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012. p. 21-34.

MEYER, Michel. *A retórica*. São Paulo: Ática, 2007

MOREIRA, Alice Campo; MOREIRA, Maria Eunice e PÓVOAS, Mauro Nicola. *A Sociedade Partenon Literário e a formação da literatura no Rio Grande do Sul*. Disponível online:

<<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/livros/partenon-literario/a-sociedade-partenon-literario.html#projeto-de-digitalizacao>> Acesso em 26 de dezembro de 2019

MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Org.). *História da Imprensa no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012. p. 12-20.

ORTOLAN, Fernando Lóris. Imagens do feminino na Guerra do Paraguai. *Métis: história & cultura*, v. 9, n. 5, p.83-95, jan/jun. 2006.

PALHANO, Hadyse Maria Lourdes; SOUZA, Rosilene Aparecida Oliveira de e MARIN, Jérri Roberto. A atuação das mulheres na Guerra do Paraguai: entre mitos e história, muitas personagens importantes In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 13º, 2016, Coxim. p. 1 - 13. Disponível em:

<http://www.encontro2016.ms.anpuh.org/resources/anais/47/1478226042_ARQUIVO_AatuacaodasmulheresnaGuerradoParaguaiCOXIM.pdf> Acesso em 25 de dezembro de 2019.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. In: PRIORE, Mary del (Org.) ; BASSANEZI, Carla (Coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 278-321.

PENNA, Fernando de Araujo. A importância da tradição clássica no nascimento da disciplina escolar História no Imperial Colégio de Pedro II. In: CHEVITARESE, André Leonardo;

CORNELLI, Gabriele; SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (Org.). *A Tradição Clássica e o Brasil*. Brasília: Fortium, 2008. p. 67-79.

PERELMAN, Chaïm; TYTECA, Lucie Olbrechts-. *Tratado da Argumentação: A Nova Retórica*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SCHNORR, Bruno Ceretta; ROSA, Nicoll Siqueira da. A Recepção do Clássico na Sociedade Parthenon Literário. *Historiador*, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p.44-58, dez. 2012.

SILVA, Jaisson Oliveira da. *A Epopeia dos Titãs do Pampa: Historiografia e Narrativa Épica na História da Grande Revolução*, de Alfredo Varela. 2010. 200 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SILVA, Maria de Fátima Sousa e; BARBOSA, Tereza Virgínia Ribeiro. Nuntius Antiquus: inaugurando a Recepção Clássica na América Latina. *Nuntius Antiquus*, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p.7-13, jan/jun. 2017

SILVEIRA, Cássia Daiane Macedo da. *Dois pra lá, dois pra cá: o Parthenon Litterario e as trocas entre literatura e política na Porto Alegre do século XIX*. 2008. 189 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SILVEIRA, Mariana Duarte. *A imagem feminina na Moralia: heroísmo e outras virtudes*. 2006. 137 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras Clássicas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

STRELOW, Aline do Amaral Garcia. Imprensa literária no Rio Grande do Sul no século XIX: Textos e contextos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34º, 2011, Recife. p. 1 - 11. Disponível em:
<<http://www.bocc.ubi.pt/pag/strelow-aline-imprensa-literaria-no-rio-grande-do-sul.pdf>>

RABENHORST, Eduardo. Heroísmo no Feminino. *Gênero & Direito*, João Pessoa, v. 1, n. 2, p.86-95, set. 2013.

REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VARGAS, A .Z. *Charles Martindale: a Recepção da Antiguidade e os estudos clássicos*.
Texto ainda não publicado fornecido pelo autor

_____. Retórica e Antiguidade na argumentação jornalística gaúcha do início do século XIX: Marco Túlio Cícero e a rejeição da multidão na plataforma antiretórica de O Analista (Porto Alegre, 1840). In: SILVA, Semíramis Corsi; CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa (Org.). *Corrupção. crimes e crises na Antiguidade*. Rio de Janeiro:Desalinho, 2018. p. 311-330.

_____. Usos da Antigüidade: imprensa, civilização e decadentismo no sul do Brasil republicano. *Liber Intellectus* , v. 02, p. 02, 2007.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e História da Literatura*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

_____. Recepção e leitura no horizonte da literatura. *Alea* nº1, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008 p. 85-97.

ANEXO 1

THESE HISTORICA**JOVITA É, OU NÃO UMA HEROINA?****PARECER.**

A mulher heroína é sem duvida, abaixo de Deus, e depois da mulher mãe e dá mulher esposa, a mais sublime palavra que se possa pronunciar sobre a terra. Jámais na lyra dos ardentes gregos, ou nos rudes cantos dos frios bardos do Norte, se ouvirão sons tão melodosos, tão suaves accordes, como quando celebravão o valor, n'esse ser tão delicado que só parece criado para o amor. Oh ! como nos arrebatava a magia d'essa expressão tão doce e ao mesmo tempo tão grandiosa ! A mulher heroína ! Oh ! como pela união d'essas duas palavras que parecem extremos a tocarem-se, o supremo architecto da natureza, nos faz comprehender a mulher em toda a pompa da verdade! . . .

A mulher heroína ! Que estranho mysterio n'esta creatura tão fragil, tudo quanto é bello, tudo quanto é grande ternura e valor ! Que excelsa magestade ! que ar de triumpho não ostenta ella ainda mesmo no infortunio, e arcando muitas vezes ao peso de grilhões insupportaveis no mesquinho estado de escrava, a que o homem a tem sempre reduzido, em recompensa de seus carinhos !

Correi o extenso véo, que sobre o codigo da legislação do mundo em todos os tempos e de todos os povos, e lêde o livro da mulher. Onde ahi encontrar a segunda d'essas duas metades que, sendo pelo Senhor separadas, forao por elle mesmo juntas, para formarem um só todo, como fôra Eva de um lado de Adão, para que este a amasse como uma parte de si mesmo?

Onde ahi reconhecem a companheira, que Deus enviára ao primeiro homem, que accordando de seu somno ao contemplar aquella perfeição, exclama admirado: « Eis aqui agora o osso de meus ossos e a carne da minha carne ! » Onde achal-a? N'uma escrava, u'uma martyr (!)

Passai por entre os selvagens da America e Oceania, atravessai os desertos da Africa e Asia, chegai á Grecia, á culta Grecia e perguntai o que era a mulher. Vereis em Sparta a forma airosa de seu corpo, desfigurada pelos mais violentos exercicios, sua alva pelle denegrida pela vergasta, e mãis impassiveis vendo lhes ser arrancado dos braços o filho querido de suas entranhas para ser precipitado de um rochedo, por inutil á patria! (Como se só estivesse reservado ás creaturas humanas calar a voz mais intima da natureza, n'aquillo que não é desconhecido do mais feroz animal !)

Ide á soberba cidade dos Cesares, e vereis em seu começo, nas leis que dicta Romulo e que conserva Numa - o marido com o poder de repudiar a mulher e até mesmo de matal-a, sem que esta, nem ao menos , se possa d'elle separar, sob qualquer pretexto, ou allegando os mais justos motivos!

Volvei a ampulheta dos seculos. buscai á luz de nossos dias, é a vereis como antes, sempre serva, sempre victima ! - Compradas para o harem dos filhos de Mahomet, como bellos exquisitos objectos procurados para os musêos; e vendidas pelos discípulos de Christo, nos mercados d'essa altiva Albion que se ufana de suas, livres instituições, como trastes já usados que se barateião em leilão !

E não obstante ella resplandece como uma semi-deusa nos accents dos antigos vales, como um thesouro de bellesa na espada dos paladinos da idade media, e como objecto das maiores finesas e de espírito nos salões modernos.

Despi-vos, porém, das galas da lisonja, transponde o limiar do carcere doméstico e observai a mullher esposa: ahi a achareis mergulhada nos mais insignificantes trabalhos, talvez ao lado de um esposo que ama e dos filhos qua acarinha; mas sempre oppressa, sempre serva.

E todavia a mulher é esse conjuncto de virtudes e maravilhas, que não contente em ser a primeira em guiar os nossos vacillantes passos de infante, em ser a nossa educadora, a nossa conselheira fiel na vida, ainda nos offerece suas delicadas mãos para empunhar a lança contra o inimigo em favor de sua cara patria ! Então é ella a mulher heroína !

Vede-as nas paginas sagradas da Biblia, quantas vezes ella sobranceira á todos os perigos, traz a fronte crestada pelo sol abrasador do deserto, animando com suas meigas palavras o povo de Israel, que ia descrever do verdadeiro Deus que lhe promete a terra de Chanaan !

Abri, crucis detractotes da mulher, se não quereis profanar com a incredulidade as escripturas santas, abri o livro mestre da historia, onde perscrutais os crimes que lhe imputais

e lêde o nome de Artemisa ! Vede-a como em Salamina entre os persas que abatidos tomão a fuga, só esta mulher despreza a morte que a rodeia; e qual onça ferida pelas flexas do caçador retira-se sempre ameaçadora ao abrigo de seu antro, ella disputando palmo a palmo os louros da victoria, só recúa ante o impossivel, ufaná de sua derrota e fazendo exclamar á Xerxes: - « que os homens se tinham portado como mulheres e as mulheres como homens!»

Vêde como em Carthago essas almas que vós pintais tão fracas, tão incapazes das grandes acções, tão vaidosas de sua belleza, vêde o desdem com que ellas olhão seus mais preciosos attractivos, cortando seus cabellos para fabricarem armas contra o oppressor inimigo! E como se não bastasse em seu cumulo de desespero tão raro exemplo de abnegação e heroismo, vêde a mulher do general que commandava a cidadella, a qual não podendo dissuadir-o de render se aos romanos, apunhala seus dous filhos e lança-se nas chammas para não sobreviver á vergonha de sua familia, e ás cinzas do berço de seus avós. Ainda os homens como mulheres e as mulheres como homens.

Vêde mais tarde, Joanna de Montport e Joanna de Blois como se empenhão briosas em pleitearem a causa de seus esposos (que não souberão n'ella mais que succumbir) principalmente Jonna de Montport que, como diz Froissar « Tinha a coragem de homem e o coração de leão. »

Vêde uma singela pastora de Domremy, Joanna d'Arc, sé creudo inspirada de uma missão divina em libertar França do estrangeiro exaltar a coragem de seus concidadãos. e com o estandarte em punho infundir o terror nas fileiras inimigas, que fugião á sua apparição !

Vêde D. Maria Pacheco, como se mostra digna de seu esposo D. Juan de Padilla, defendendo Toledo até a ultima extremidade, contra as forças de Carlos V !

Vêde ainda em Margarida d'Anjou; depois da batalha de Northampton, essa serenidade de animo, essa consolação na adversidade; que caracteriza as almas grandes ! Vêde-a separada de seu marido, tendo por inimigos Londres e o parlamento, corre impavida o norte da Inglaterra; reanima seus amigos esmorecidos, alista um exercito ás pressas e logo após uma victoria, triumpho d'esse temivel Warwich para restituir sobre o campo a liberdade á seu pusilanime esposo !

Mais uma vez como em Salamina os homens como mulheres e as mulheres como homens!

Mas se ainda não bastão tão frisantes exemplos para mostrar-vos de quanta sublimidade é susceptivel a mulher, vinde, pyrrhonicos, maliciosos vinde convencer- vos de vosso erro e confessar á sombra dos palmares da joven America - vinde admirar Jovita !

Um brado unisono de indignação e de vingança repercutido por todos os angulos do Brasil, chamava às armas seus filhos, de ha muito adormecidos no molle leito da paz.

Cohortes de bravos corrião pressurozas de todas as províncias do Imperio em desaffronta da honra nacional, a hastear o pavilhão auri-verde nos campos do Paraguay ! Jovita, cujo coração generoso não podia ser insensível ao elevado sentimento do amor da patria, que dominava seus compatriotas cearenses, maldiz em um momento de foror a ora em que não nasceu homem para partilhar com elles as fadigas e glorias de uma campanha; considera depois que a força de seu animo póde superar a fraqueza de seu corpo, corre a apresentar-se ao presidente de sua provincial, pede-lhe para marchar no 1º batalhão de voluntarios que ahi se organisava, e consegue-o ao fervor de suas instancias, sendo pelo presidente que lhe soube apreciar o merito, galardoada com as divisas de sargento.

Chegada ao Rio de Janeiro, Jovita é levada á presença do governo imperial que não vendo no patriotismo que a estimula, mais do que uma mascara para seguir algum amante arranca-lhe as divisas e prohibe-lhe de marchar ainda mesmo como simples soldado !

Eil-a ainda a mulher no seculo XIX como o fôra em todo o tempo, sempre serva, sempre victima !

Eil-a ahi a mulher não como companheira, mas escrava do homem constringida a abafar em seu coração as mais puras effusões, os mais sinceros transportes da natureza.

Eil-a curvando a fronte perante juízes incapazes de comprehender sua virtude, sendo seus mais indifferentes gestos e palavras interpretadas contra ella; e ouvindo a sentença que lhe lava a infamio. tolher seus mais altivos vãos para a gloria.

Jovita era mulher, e a mulher conscia de sua fraqueza, quando ferida em seu amor proprio - succumbe na lucta, é capaz das mais nobres acções; mas tambem como o homem dos maiores excessos.

Jovila pois entregou-se à prostituição !

Seu peito de virgem não podia conter a violencia de sua dôr e apagar n'elle as chammas desse amor patrio que a devorava; era preciso corromper o corpo para aniquilar a alma e ella era a mulher despeitada !

« Uma tigre a quem se tira os filhos, uma leôa ou outro qualquer animal carnívoro, (diz Byron) se offerecem naturalmente como pontos de comparação, se se trata de pintar a desolação das mulheres quando não pódem obrar conforme sua razão Nada mais sublime que sua colera energica, horrivel á vista, mas grandiosa a descrever-se; igual ao Oceano que

rodeia uma ilha cingida de rochedos, as paixões profundas que lhes chammejão fazem uma tempestade furiosa.

Jovita procurava apagar nos prazeres sensuaes, os fundos sulcos que os sofrimentos de sua patria e sua dedicação repellida, havião cavado em seu coração.

O corpo o corpo corrupto não conseguiu, porém; por muito tempo supplantar a grandeza de sua alma ainda havia a hi um lugar para o amor e ella encontrou um amante.

Este homem, porém, não soube mostrar-se digno de sua paixão, e depois de alguns mezes abandona de novo á perdição, aquella peccadora contricta.

Agüia altivola que n'um momento de colera recolhera as azas na amplidão, dos ares, se deixando lombar nos paues da terra, para depois se erguer mais soberba ainda a topetar as nuvens, Jovita, não alcançando a gloria ao lado de seus irmãos, na peleja, vai no punhal suicida que a traspassa, encontral-a mais sólida, nas aras do amor.

Jovita é uma heroína !

Não forão sómente aquelles cujos altos feitos se exercerão em derramar o sangue de seus semelhantes, os que merecerão a honra d'este nome.

Heroicas forão a Sabinas arremeçando-se no furor da lucta entre os combatentes seus pais e seus esposos, pedindo-lhes, porém, termo a tantos horrores.

Fui heroica Clelia atravessando a nado o Tibre á frente das virgens romanas, por entre as guardas dos inimigos.

Heroína foi Veturia affrontando a tempera inflexivel de seu filho, para fazel-o desistir do espectaculo das ruínas do seu paiz.

Foi heroica a duqueza de Wurtemberg, que interpretando a permissão de Conrado III, de retirarem-se as mulheres com o que tinham de mais precioso, sahe da cidade conduzindo nos hombros seu muito amado esposo !

Jovita como estas não tira a vida a um inimigo de sua patria; - mas dá a morte a seu proprio corpo, torpe inimigo de sua alma grande, alcançando mais insigne victoria sobre si mesmo. Lucrecia perdida a pudicia tem ainda a bem triste e indecorosa coragem de chamar seu marido á sua presença, para ouvir de seus proprios labios a deshonna de sua familia, antes de reivindical-a com o punhal que embebe em seu seio !

Jovita é a mais nobre, senão mais heroica.

Tendo tido já uma vez a fronte cingida da capella de virgem, - desfolhando-a depois nos vortices da devassidão, - para mais tarde choral-a no santuario de um amor casto, Jovita vendo fugir-lhe a ultima illusão da vida, procura nas vascas da morte affastar de seus olhos

para não vel-a mais um instante, a esqualida imagem da miséria que de novo ameaça lançá-la ao abismo da perdição !

Ah! quem lhe poderá conservar a vida a, existencia tranquilla que a embalára no remanso da paz domestica que unico consolo que ultima esperança da velhice de um pai extremoso !

Ah ! que não podesse a voz misteriosa de um anjo - mostrar-lhe o vacuo das pretenções humanas, desterrando de sua imaginação de joven, a gloria que antevia atravez do fumo dos combates !

Insensata ! sonhava poder em vida ouvir seu nome nas trombetas do fama, por entre a orchestra dissona do mundo, e accordou subitamente ao som do lúgubre sino vendo cair com estrondo seu corpo inanimado na noite do sepulchro !

Porto Alegre, 5 de Setembro de 1868. (publicado na edição de junho de 1869)

F.A. Ferreira da Luz

ANEXO 2

PARECER

SOBRE A THESE SEGUINTE:

A influencia da mulher sobre a civilização, desde os primeiros seculos até os nossos dias, tem sido benefica ou perniciosa?

Quando Deus formou a mulher, essa mais sublime metade do genero humano, destinando-a para companheira e conselheira do homem. dotou-a de pureza, honestidade e bondade, para com a doçura de seus costumes, não só influenciar nas acções dos homens, modificando-lhes as iras como para illuminar-lhes a rudeza do espirito com exemplos de piedade e brandura.

Sendo pois a mulher' um prototypo de bondade um ser delicado que a Providencia escolhera para depositaria da preciosidade de seu divino amor, longe de exercer uma influencia perniciosa na civilização, é antes o symbolo da regeneração social, que com a irradiação sublime de seu espirito e com a luz divina que o Omnipotente lhe collocou nos olhos, illumina as trevas da humanidade que caminha, porque a mulher lhe diz : Ide, obreiros do futuro, caminhai para o progresso das sciencias, das letras e das artes, que eu vos illuminarei n'essa cruzada santa de civilização !

Effectivamente á mulher se deve uma parte consideravel nas glorias d'esse aperfeiçoamento da vida civil, d'essa actividade organisadora das relações sociaes, a que se chama civilização.

A civilização é um d'esses factos complexos que, resumindo em si a sorte commum da humanidade; tem uma historia particular que abrange as outras historias.

Se o desenvolvimento da actividade social constitue o progresso da civilização, não é comtudo na rigorosa accepção da palavra o seu verdadeiro caracteristico.

Ha Estados, que considerados em relação ao aperfeiçoamento, ao bem estar social, se podem julgar perfeitos, e que todavia não levam a dianteira em civilização a outros onde, inda que imperfeitos em referencia á organização social, se desenvolve o grande principio da actividade individual.

Assim é que em toda a parte onde a condição interior do homem. e desenvolvimento de suas faculdades moraes se manifesta com prodigiosa magnificencia, tambem aparece a civilisação em seu maior esplendor.

E' que do espirito individual saem as grandes ideias que, intellectualizando as sociedades, civilisãm os povos.

E quem poderá racionalmente fallando, contestar a influencia decidida que a mulher exerce n'essas idéias luminosas, que ffilhas da actividade individual; vão reflectir na sociedade, traçando novos e espaçosos horisontes na marcha progressiva da humanidade?

As sciencias, as artes e a litteratura reclamãm a parte activa que lhes toca no progresso da civilisação; mas quem é que a tudo isso nos impelle senão a mulher que nos diz: Ide, alcançai a gloria, que tereis em recompensa o meu amor?

Antes do homem atirar-se ao conhecimento das sciencias, é mister desenvolver se-lhe a alma que, inda que pela lei de sua propria natureza esteja obrigado a abraçar o bem repellindo o mal, é de absoluta necessidade exercital-o na pratica das virtudes.

E' essa a missão sublrine que Deus julgou por bem confiar á mulher sobre a terra.

A mulher mãi ! O que ha por ahi mais elevado, mais magestoso, que essa creatura sublime, em cujos olhares angelicos a criança aprende a soletrar essa palavra divina, que resume em si todas as sciencias do Universo, a palavra - Deus ?!

Oh! a mulher mãi e o sanctuario da luz, o typo sublime da felicidade no bem, é o talisman da creação que o Ser Eterno escolheu para Mãi de seu Filho, que no Golgotha lavou com seu sangue precioso a mancha do peccado original. espalhando leis que irão remontando de geração em geração até aos confins dos seculos !

Christo foi o regenerador da humanidade o civilisador do mundo, e Maria, esse archetypo de santa resignação, foi Mãi de Christo.

Diz o philospho Kant que, antes de votar-se ao tirocinio de seu desenvolvimento intellectual, já possuia os sentimentos de humanidade, sagrados princípios que sua mãi soube embutir-lhe n'alma.

Cuvier affirma que a fortuna de seus estudos e as glorias de suas descobertas, deve exclusivamente à sua mãi.

Se lançarmos um rapido olhar sobre a historia romana, alli encontraremos à mulher em sua dignidade, exercendo uma influencia benefica na educação d'esse grande povo. A mãi dos Gracchos pôde servir de modelo a todas as mulheres que se votão a educação de seus filhos.

Ha na história d'esse povo um grande acontecimento que deve ser commentado como um triumpho de humanidade. Roma está perdida ! Coriolano a fecha n'um circulo de ferro : o espirito indomavel d'esse implacavel guerreiro, o seu coração empedernido que o senado e os sacerdotes não poderão embrandecer, commoverão-n'ó as lagrimas de mãi ! A illustre Veturia salva Roma, perdendo seu filho para sempre.

Este facto prova até á evidencia, o poder, a influencia, que a mulher exerce no animo do filho.

Se os governos em suas reformas politicas tivessem em consideração a educação da mulher, ella pela seducção e docilidade de que é dotada, pelo santo sacerdocio a que está destinada, seria um instrumento activo no progresso da civilisação.

Diz Sheridan que é da cultura do espírito da mulher que depende a sabedoria dos homens.

Se, porém, nos afastarmos dos princípios da educação, com os quaes a mulher mãe concorre prodigiosamente para o aperfeiçoamento moral dos filhos e considerarmos na parte activa que ella lem na formação dos genios, ahi , encontraremos a mulher como principal motora das grandes obras das epopéas colossaes.

Nas acções gloriosas, nos rasgos de heroicidade e nos grandes accommetimentos litterarios, ha sempre uma mulher !,

Assim é que vimos Camões sedento de glorias, afastar-se das praias luzitanas, e voltar mais tarde com o colosso da litteratura moderna - os Luziadas, para arrojá-los aos pés de Catharina de Athayde.

Pelo amor de Beatriz, Laura e Leonor, resplandecem no céu da litteratura universal tres luzeiros de civilisação, que a voragem do tempo não sumiu em seus abysmos, Benardino, Petrarca e Tasso !

O primeiro poeta da actualidade - Lamartine- que tanto tem concorrido para a civilisação do mundo, declara nas suas ultimas revelações, que Julia e Graziella partilhão da gloria de seu nome.

Diz a distincta escriptora chinesa Pan-Hoci-Pan, no seu famoso tratado de educação, que a mulher substituiu á rudeza feroz dos primeiros seculos, o doce imperio do amor !

O amor da mulher é pois um facho de civilisação, que clareando as trevas da ignorancia, suspende o curso das paixões tenebrosas, levanta os desgraçados do charco das torpezas, e os regenera, lavando-lhes os salpicos da perversidade.

Diz Victor Hugo, que é mais fácil a ortiga aferrar suas raízes no gelo, que medrar o vício no coração do homem, iluminado pelo amor da mulher .

Por consequência a mulher tem exercido em todos tempos uma influência benéfica, na civilização dos povos.

Terminarei o meu parecer com a seguinte observação de um escriptor moderno:

« A primeira obra do Creador foi separar a luz das trevas. Essa luz collocou-a nos olhos da mulher. Querer offuscal-a é uma pretensão louca, negal-a é ser inimigo de Deus e dos homens. »

Porto Alegre 3 de Agosto de 1808. (publicado na edição de julho de 1869)

Nicolau Vicente